

FUNAI

100 KIXTI ESTÓRIAS TUKANO

Coordenação de
EDUARDO LAGÓRIO



Prefácio de
CÂMARA CASCU DO

100 KIXTI (ESTÓRIAS) TUKANO

Eduardo Lago
Fundador

Luís de Camargo Castro
Fundador

1970-1980
FUNAI

100 Kixti (Estórias) Tukano

1980

1980

1. Literatura infantil - Tukano 2. Livro Tukano
no Pólo Tukano 1. Livro

Fundação Nacional do Índio

Ficha catalográfica

087.5:572.95(811.3T91)

F897c FUNAI

100 Kixti (estórias) Tukano.
Brasília, 1983.

p. 162

1. Literatura infantil-Índios-Tukano 2. Índios-Tukano-Fábulas-Contos. I. Título.

Editoria
Luiz Gonzaga Figueiredo de Amaral

Capa e ilustrações
Darlan

Projeto gráfico e montagem
Daniel Helenio

Somos, portanto, profundamente gratos a Maria Lúcia Fernandes de Castro Lima, Lúcia Helena
Lima, Octavio Ferreira Lima e Carlos Alberto de Almeida, que nos ofereceram os textos e a
possibilidade de publicação desta obra.

100 KIXTI (ESTÓRIAS) TUKANO

que se refere ao que pensa, como fazem os sé-
culos europeus com a cultura da África negra.

Eduardo Lagório
Coordenador

Luís da Câmara Cascudo
Apresentação

Ministro Mário David Andreazza

Penato Nicolai

Fundação Nacional do Índio

Octavio Ferreira Lima

Presidente

Lamarline Ribeiro de Oliveira

Diretor Executivo

Coleção Brasil Índio
Volume I

Editoração:
Luiz Gonzaga Figueiredo do Amaral

Capa e ilustrações:
Darlan

Projeto gráfico e montagem:
Daniel Helienio

Somos particularmente gratos a Maria Lúcia Fernandes de Castro Lira, Laís Bezerra Serra, Yvonne Alves Sampaio do Amaral e Carlos Alberto dos Santos pela valiosa ajuda prestada na preparação deste livro.

1a. edição: dezembro de 1983.

Ministério do Interior
Ministro Mário David Andreazza

Fundação Nacional do Índio

Octavio Ferreira Lima
Presidente

Lamartine Ribeiro de Oliveira
Diretor Executivo

Copyright © Fundação Nacional do Índio

Introdução

É com grande satisfação que escrevo algumas linhas de introdução ao primeiro livro da estória traduzida do idioma tukano para "a linguagem vulgar, num laborioso esforço de manter a equivalência unânime".

Luís da Câmara Cascudo

As duas últimas

são do alto rio Negro

profunda admiração

escreveram em dezenas de cadernos e os antigos gravaram em pedras

zetas de fitas várias autobiografias, memórias, histórias, contos e fábulas

estórias, em número considerável de manuscritos para o conhecimento e a mitologia

As duas últimas

são do alto rio Negro

profunda admiração

escreveram em dezenas de cadernos e os antigos gravaram em pedras

zetas de fitas várias autobiografias, memórias, histórias, contos e fábulas

Cada povo tem a sua técnica de descrever o habitual. Não existe padronização para esses desenhos coletivos. A sensibilidade do estudioso estrangeiro é que acomoda e ajusta o que ouve ao que pensa, como fazem os sábios europeus com a cultura da África negra.

Luís da Câmara Cascudo

Há um só vocábulo para as duas ações: cantar e dançar (maxxi) como há um só para o espírito e o corpo (maxxi, de maxxi/saber?). Aliás, as ciências humanas opinam que a única realidade seja mesmo a totalidade inseparável de espírito e corpo. O povo Tukano fala uma língua tão rica em sufixos, infixos, modos e tempos verbais que permite, na afirmação do Padre Bruzzi Alves da Silva, a mesma sutileza e nuance de pensamento do idioma grego. Sendo, também, língua tonal, o nosso alfabeto não lhe reproduz todos os fonemas.

Elaborou-se um sistema de escrita simples, ao alcance da pessoa que não cursaram as primeiras séries do primeiro grau. Do grupo de rapazes que começaram, aqui em Manaus, a traduzir as estórias, só um, Marcel Moura, terminou o primeiro grau.

Copyright © F. M. ...

Executive Director

...

...

...

...

...

...

...

...

...

Introdução

É com grande satisfação que escrevo algumas linhas de introdução ao primeiro livro de estórias traduzido do idioma tukano para "a linguagem vulgar, num laborioso esforço de manter a equivalência sinonímica", como faz observar Luís da Câmara Cascudo no prefácio.

As duas últimas décadas viram um grupo de Tukano e Desana do alto rio Negro empenhados num trabalho que despertou profunda admiração. Os que freqüentaram as escolas das Missões escreveram em dezenas de cadernos e os anciãos gravaram em dezenas de fitas várias autobiografias, mais de cento e cinquenta estórias, um número considerável de melodias para o canto-dança e a mitologia.

Há um só vocábulo para as duas ações: cantar e dançar (*baxsá*) como há um só para o espírito e o corpo (*maxsã*, de *maxsí*: saber). Aliás, as ciências humanas opinam que a única realidade seja mesmo a totalidade inscindível de espírito e corpo. O povo Tukano fala uma língua tão rica em sufixos, infixos, modos e tempos verbais que permite, na afirmação do Padre Bruzzi Alves da Silva, a mesma sutileza e nuance de pensamento do idioma grego. Sendo, também, língua tonal, o nosso alfabeto não lhe reproduz todos os fonemas.

Elaborou-se um sistema de escrita simples, ao alcance de pessoas que mal cursaram as primeiras séries do primeiro grau. Do grupo de rapazes que começaram, aqui em Manaus, a traduzir as estórias, só um, Manoel Moura, terminou o primeiro grau.

Concluído longe dos autores dos manuscritos originais e dos anciãos que os ditaram, o trabalho tem muitas falhas. Organizando a FUNAI a continuação da tarefa em algum povoado do alto rio Negro, com rapazes e moças que completaram o segundo grau, o êxito estará garantido. Porém, entre eles, a transmissão oral será sempre o sistema mais válido.

A coleção inicial de estórias, só no gênero "literatura infantil", beira a casa das cento e cinqüenta. Há outras estórias, em número também considerável, apropriadas mais para adultos, e que, aos poucos, serão traduzidas.

Seja dito aqui, de passagem, que a tradução do tukano para o português fica alguma vez obscura e sempre inferior ao original em vivacidade, em beleza espontânea e colorido, como se sabe, mais único do que raro.

No prefácio, o professor Luís da Câmara Cascudo lembra três nomes: os inimitáveis Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues e Ermanno di Stradelli.

Pois bem, no livro que o mestre do folclore escreveu, "Em Memória de Stradelli", há esta profecia: "Caiari, rio famoso, que um dia revelará segredos que estão anunciados em suas tradições maravilhosas".

Em nossos dias, se poderão desvendar esses segredos usando uma língua, não mais emprestada, como dizem os índios, como foi e é, a língua geral, mas a língua tukano, falada na região do alto rio Negro, há tempos imemoráveis. O tukano permite sutileza e nuance de pensamento tal qual o idioma grego.

Existe, de fato, tal possibilidade.

Luís da Câmara Cascudo escreve de Maximiliano José Roberto: "Companheiro de Stradelli, filho de índios Manaus e Tarianos, recolhedor apaixonado de centenas de lendas, maravilhosas e seguras como documentação etnológica, talento de pesquisa na audição amorosa às velhas vozes de sua raça desaparecida, entendia a fala da mata, dos rios e dos pássaros.

Descobridor do filão luminoso, viveu distribuindo o ouro de que só ele conhecia o invisível roteiro. Ignorada e gigantesca inteligência, simples e generosa, forte e solitário em seu sonho misterioso absorvedor”.

Não terá deixado ele muitos herdeiros? Sem dúvida. Como descobri-los? Observando aquilo que está consignado no prefácio:

“Nunca acomodar e ajustar o que ouvimos ao que pensamos”.

Tive a sorte de conhecer pessoalmente Luís da Câmara Cascudo. Passei vários meses em Natal. Seus conselhos, seu exemplo, sua amizade, me infundiram a coragem de enfrentar a tarefa de coordenar “esta recolta da sabedoria tukano”.

Os índios deixaram de ser meros informantes.

Comecei este trabalho quando cheguei aqui em Manaus em 1935. Dedico todas as canseiras que me exigiu à memória de minha estremecida Mãe Catarina e de meu querido Pai Antônio.

Concluindo. Que a profecia de Luís da Câmara Cascudo seja, quanto antes, uma consoladora realidade.

Padre EDUARDO LAGÓRIO
Yúpuri

depois de ter deixado a casa de sua mãe, não tendo mais nada a fazer ali, foi para a casa de seu pai, onde se encontrou com os irmãos e a mãe, e todos se alegraram muito com a sua chegada. Não tendo mais nada a fazer ali, foi para a casa de seu pai, onde se encontrou com os irmãos e a mãe, e todos se alegraram muito com a sua chegada.

A casa de seu pai era muito bonita, e ele ficou muito contente com a sua chegada. Não tendo mais nada a fazer ali, foi para a casa de seu pai, onde se encontrou com os irmãos e a mãe, e todos se alegraram muito com a sua chegada.

Em seguida, foi para a casa de seu pai, onde se encontrou com os irmãos e a mãe, e todos se alegraram muito com a sua chegada.

Em seguida, foi para a casa de seu pai, onde se encontrou com os irmãos e a mãe, e todos se alegraram muito com a sua chegada.

Em seguida, foi para a casa de seu pai, onde se encontrou com os irmãos e a mãe, e todos se alegraram muito com a sua chegada.

Em seguida, foi para a casa de seu pai, onde se encontrou com os irmãos e a mãe, e todos se alegraram muito com a sua chegada.

Prefácio

ANTES DO TUKANO

"Tudo neste mundo tem sua história"

Sentença Popular

Esta recolta da sabedoria tukano é orientada pelo padre Eduardo Lagório, missionário do mundo amazônico, salesiano como Antonio Colnacchini, o revelador miraculoso dos Borôros Orarimugudoge, de Mato Grosso. A FUNAI oferece à cultura nacional uma informação preciosa, para muitos pueril. Um grupo de indígenas Tukanos que enxameiam no labirinto potamológico do rio Negro recolheu apólogos circulantes na memória tribal e traduziu para a linguagem vulgar num laborioso esforço de manter a equivalência sinonímica. Esta poranduba tukano, que o padre Lagório e a FUNAI salvaram da morte, é digníssima de figurar na estante de Couto Magalhães, Barbosa Rodrigues, Ermanno di Stradelli, inimitáveis.

Nenhuma mentalidade contemporânea e civilizada será capaz de conceber o enredo destes apólogos simples, claros, suficientes. Eles se destinam a explicar a etnologia, modos de ser, procedimentos e ações comuns de animais familiares aos Tukanos. Há muitos séculos os Tukanos repetem estas tradições orais que só agora começam a vir ao nosso conhecimento. Todos os recursos utilizados na pequenina narrativa pertencem ao clima lógico do Tukano. Nem menos e nem mais. As crianças e os adultos possuem estas explicações dos antepassados. Agora, ao lume da fogueira, nós participamos dos velhos segredos avoengos. Constituem notas evocativas da inteligência observadora dos avós.

Cada povo tem a sua técnica de descrever o habitual. Não existe padronização para esses desenhos coletivos. A sensibilidade do estudioso estrangeiro é que acomoda e ajusta o que ouve ao que pensa, como fazem os sábios europeus com a cultura da África negra. Esta coleção de reparos tukanos esclarecerá a finura da observação e a tarefa da comunicação mental, dos contemporâneos aos vindouros. É um depoimento maravilhoso da inteligência, cheia de atenção e afeto pelo mundo animal com que convive.

Não se trata de convencer o branco civilizado, mas da exibição natural e pura do raciocínio tukano. Se não for entendido, a culpa cabe à percepção alheia. Eles deram o recado integral.

Luís da Câmara Cascudo

Os Índios Tukano

A comunidade Tukano ou *Yepá Maxsã*, propriamente dita, reúne cerca de 6 mil índios em território brasileiro, e o centro de sua cultura é a região banhada pelo rio Uaupés (antigamente chamado Cai-ári), que nasce na Colômbia e, após 800 km de percurso, se lança no rio Negro (Estado do Amazonas) como o seu maior afluente.

Os Tukano aldeados não ultrapassam, de fato, seis mil, mas seus descendentes e as gentes de cultura Tukano somam hoje centenas de milhares. Enquanto a irradiação da cultura Tukano alargava fronteiras, e a sua língua passava a ser a dos habitantes de vasta região, a miscigenação com a sociedade nacional estabelecia uma cultura cabocla no rio Negro que continua em pleno processo evolutivo. Apenas um exemplo: a população da cidade de Manaus é formada em grande parte de descendentes das tribos Manau e Baré, de tronco Aruak, e das tribos Desana, Tuyuca e Piratapuya, de língua tukano-betoya.

Na área cultural do rio Negro — um cadinho de tribos que participam de uma tradição comum — existem duas zonas diferenciadas: a do rio e a da floresta. Os Tukano orientais habitam as margens dos rios Uaupés, Tiquiê, Papuri e afluentes, e até o rio Negro, acima e abaixo de São Gabriel da Cachoeira; os chamados Tukano ocidentais habitam os rios Napo e Putumayo. Os Tukano nunca fizeram malocas nos igarapés, sempre deram preferência às margens dos grandes rios.

Mas não limitemos aí a área de presença dos índios Tukano. Conta-nos, a propósito, o padre Eduardo Lagório que pôde falar o idioma tukano de Manaus até Bogotá nas cinco ou seis vezes que fez tal percurso, e que amigos seus já ouviram falar tukano até em Quito (Equador). "Poderíamos, quem sabe — diz ele — traçar para a cultura tukano o triângulo: Manaus/Bogotá/Quito".

Os índios Umúsin Panlõn Kumu e Tolamãn Kenhíri dizem no livro "Antes o Mundo não Existia" (A mitologia heróica dos índios Desana) que os Tukano sempre habitaram a área que hoje ocupam no território brasileiro. Segundo, porém, alguns antropólogos, eles teriam vindo do território colombiano, em época remota. Os conquistadores espanhóis, à medida em que avançavam pelo interior, obrigavam os silvícolas a se internarem cada vez mais, até chegarem às cabeceiras dos rios Papuri e Tiquiê, por onde penetraram no Brasil. Note-se que a população Tukano na Colômbia é da ordem de 7 mil índios, e que as tribos de tronco lingüístico Tukano totalizam cerca de 20.000 pessoas. Aliás, há traços de culturas andinas em alguns elementos culturais do Tukano brasileiro.

O contato sistemático dos grupos indígenas do norte amazônico com a sociedade nacional começou a partir do século XVIII, mas se pode falar em presença portuguesa na região nos primórdios do século XVII, com a fundação do forte Presépio de Santa Maria de Belém, no ano de 1616. Ao longo dos anos, esses grupos sofreram um claro processo de descaracterização de sua cultura, no início com o contato direto com o colonizador, depois com as populações envolventes e, mais tarde, com estas e as missões religiosas, cujos erros do passado tentam hoje corrigir para que o índio não seja aniquilado pela cultura dos chamados brancos ou civilizados.

Habitantes de um mundo líquido, verde e quase sempre hostil, os índios da Amazônia vivem lado a lado com animais de todos os tipos, tamanhos e ardis, dos quais assimilaram, à perfeição, os meios de defesa para poderem sobreviver. Os animais servem-lhes de alimento, para encher-lhes a casa e para alegrar as suas vidas.

A relação do índio Tukano com os animais é algo mais do que uma simples relação material: é uma relação espiritual até o ponto em que ao caçar um animal caçam imaginariamente as principais características de sua vítima.

Os animais estão na essência dos seus mitos e sonhos, de seus usos e costumes, de suas fábulas e estórias . . .

Aesp*/Funai

Introdução	7
Prefácio	11
Os Índios Tukano	13
Trachos autobiográficos	21
Diakara (Emílio Caldas)	23
Yupuri (Benjamin Sampaio)	25
Yogê (Olegário Aguiar)	27
Axêto (Ricardo Peixoto)	29
Estórias	31
A Acara e o Fica-pau	33
O Bacurau e a casa velha	34
O Bacurau e o rato grande	35
Por que o Bacurau dorme no chão	36
O Beija-flor e a Garça	37
O Cajubi madrugador	38
O Calango e o Bacurau	38
O Canê e as duas noivas	40
O primeiro vôo do Corocoró	41
O Corocoró e a Arara	42
O Corocoró e as Minhocas	43
Os Marianitos e o Gavião-real	44
O Gavião-real e o Fica-pau	46

* Assessoria de Estudos e Pesquisas.

Sumário

Introdução	7
Prefácio	11
Os Índios Tukano	13
Trechos autobiográficos	21
Diakara (Emílio Caldas)	23
Yúpuri (Benjamin Sampaio)	25
Yogë (Olegário Aguiar)	27
Akhëto (Ricardo Peixoto)	29
Estórias	31
A Arara e o Pica-pau	33
O Bacurau e a casa velha	34
O Bacurau e a casa grande	35
Por que o Bacurau dorme no chão	36
O Beija-flor e a Garça	37
O Cajubi madrugador	38
O Calango e o Bacurau	39
O Cancã e as duas noivas	40
O primeiro vôo do Corocoró	41
O Corocoró e a Arara	42
O Corocoró e as Minhocas	43
Os Marianitos e o Gavião-real	44
O Gavião-real e o Pica-pau	46
O Gavião-real e o Maku	48

O Japu e os pássaros ingratos.	49
A dedicação do Japu	50
O Martim-pescador pequenininho e o Tucunaré	52
O Martim-pescador e o Pica-pau	53
O Pica-pau e o Martim-pescador	55
O Morcego e a prima	57
O Morcego e o sangue chupado	59
O Morcego e o sol	60
O Mergulhão e o Jacaré	61
A ingratidão do Mutum.	62
O Pohó e a viagem.	63
O pescador fanfarrão.	64
O Pombo e as crianças.	65
A esperteza do Pussicá.	66
O Urubu e o demiurgo.	67
A Anta e o Guariba	68
A Anta e as Formigas	69
A Anta e as frutas	70
Por que a Cutia estraga a roça	71
A Cutia e o vinho de pupunha.	72
A Cutia e as donas da roça.	73
O faro do Cachorro e da Onça.	74
O Guariba e o Macaco-preto	75
O Quati e a Cutia.	76
O conselho da Cutiuaia	77
O casamento da Cutiuaia macho	78
O filho da Cutiuaia	80
A Cutiuaia e a Jibóia	81
A Cutiuaia e a Muçurana	82
O Gambá e a Onça macho	83
O Gambá e os Tucunarés.	84
O presente do Mucura	85
O rapaz e a Mucura-gente	86
A Preguiça avó da gente.	87
O Tamanduá adivinhador	88
A gratidão da Arraia Grande	89
O Bacuri e os Acarazinhos.	90
O sinal branco da Lontra.	91
O Cunuri gente e o Sarapó.	92
O Sarapó comedor de cará.	94
O Carangueijo e o Cunuri	96

O Sarapó e o Jandiá.	98
A Piraíba e o Daguiru	99
A Pirarara bêbada	100
O avô das Traíras.	101
O tempo e o Besouro serrador.	102
O desespero do Calango.	103
O Calango e as mulheres	104
O Calango e o Sapo	105
O Escaravelho e seu petisco preferido	106
Os Marimbondos e o menino preguiçoso	107
A Rã enfeitada	108
O casal de Sapos	109
O Tamacuaré e o fim do mundo	110
O Tamacuaré e os Marimbondos	112
O Vagalume e o Escaravelho	113
O dono-do-sono.	114
O rapaz que não encontrava namorada	115
A Cobra-de-duas cabeças	116
A Cobra e a mulher imprudente	118
A Cobrinha, o Calango e os meninos	119
O caxiri da Cobrinha	121
A Cascavel grande e a Jararaca pequena.	122
A Muçurana critica a Cascavel	123
A Muçurana defende o homem contra a Jararaca	124
O Tamacuaré e a Surucucu	126
O caçador desconfiado	127
O rapaz e a dona do rio	128
A falsidade do Boraró	130
A mulher do Curupira e os Macacos	131
O Curupira enraivecido	132
O pescador noturno e o duende.	133
O duende arranca-olho e os rapazes.	134
O duende compassivo	136
O duende e o menino desobediente.	138
O duende de olhos postiços.	139
O duende e o rapaz invejoso	141
O duende reluzente	142
O duende que teve medo da feiúra	143
O caçador e o duende	144
A técnica para lutar com o duende	146

A mulher e os curupiras.	147
O saci e a menina chorona.	148
O Bicho-de-pé e o demiurgo	150

Glossário	151
---------------------	-----

Bibliografia Tukano.	161
------------------------------	-----

Diakara (Emílio Caldar)

Quando eu já estava crescendo, gostava muito de brincar no rio. Um dia, minha mãe e pai me avisaram:

— Mãe, você pode ir nadar, mas tome cuidado com aquele rebojo (codãozinho) que tem ali. Não vá lá nunca porque é muito perigoso.

TRECHOS AUTOBIOGRÁFICOS

Eu o rebojo era um pouco mais velho, desce o rio e achando que já era forte, me aproximei do rebojo para ver como era... O rebojo me agarrou como que me engoliu. Foi terrível. Tive que lutar muito, já não tinha mais forças. Na beira do rio, minha mãe e pai só faziam olhar para mim, não me deram nenhuma ajuda. E diziam:

— Agüente, nós te avisamos!

Felizmente eu agüentei, consegui livrar-me da correnteza e chegar à beira do rio... quase morto.

A mulher e os curupiraos	140
O saci e a menina chorona	142
O Sicho de-pé e o demurgo	143
Glossário	151
Bibliografia Tukano	161

TRECHOS AUTOBIOGRÁFICOS

Diakara (Emílio Caldas)

Quando eu já estava crescidinho, gostava muito de brincar no rio. Um dia, mamãe e papai me avisaram:

— Olhe, você pode ir nadar, mas tome cuidado com aquele rebojo (rodamoinho) que tem ali! Não vá lá nunca porque é muito perigoso.

Eu ouvi o conselho e obedeci. Mas, quando fiquei um pouquinho mais velho, desprezando o conselho paterno e achando que já era forte, me aproximei do rebojo para ver como era . . . O rebojo como que me engoliu. Foi terrível. Tive que lutar muito, já não tinha mais fôlego. Na beira do rio, mamãe e papai só faziam olhar para mim, não me deram nenhuma ajuda. E diziam:

— Agüente, nós te avisamos!

Felizmente eu agüentei, consegui livrar-me da correnteza e chegar à beira do rio. . . quase morto.

— Não, ele não sabe nada disso!

— Então volte para casa e fique com a mãe dele. Não fique aqui, não.

Ouvindo isso, ele começou a chorar. Eu voltei depois que ele voltou para casa e que, entre outras coisas, disse à mãe dele:

— Ele não quer saber de mim!

Quando eu já estava crescendo, gostava muito de brincar no rio. Um dia, mamãe e papai me avisaram:

— Olhe, você pode ir nadar, mas tome cuidado com aquele riojo (rodamoinho) que tem ali. Não vá lá nunca porque é muito perigoso.

Eu ouvi o conselho e obedeci. Mas, quando fiquei um pouco mais velho, desobedezi o conselho paterno e sabendo que já era forte, me aproximei do riojo para ver como era... O riojo era como que me engolia. Foi terrível. Tive que lutar muito, já não tinha mais fôlego. Na beira do rio, mamãe e papai só faziam olhar para mim, não me davam nenhuma ajuda. E diziam:

— Agüente, nós te avisamos!

Felizmente eu agüentei, consegui livrar-me da correnteza e chegar à beira do rio... quase morto.

Yúpuri (Benjamin Sampaio)

Ficara eu rapazinho de uns treze ou catorze anos e comecei então a perceber que as mocinhas me olhavam de uma maneira diferente de quando éramos ainda crianças. Eu devia ficar vigilante para que minha mãe não percebesse, porque estava ainda bem lembrado dos carões que ela me passava toda vez que durante a infância eu tinha sido grosseiro com as meninas.

Estando assim as coisas, certo dia fui pescar, como de costume. Depois de umas horas escutei pancadas de remo. Alguém estava se aproximando sempre mais. Questão de minutos e vejo aparecer, numa curva, a proa de uma canoa e sentada nela, com um sorriso meigo, uma mocinha. Ela me viu, baixou a cabeça para levantá-la logo em seguida e me cumprimentou:

— Aonde vai? — lhe perguntei.

— A lugar nenhum — respondeu — Queria só conversar um pouquinho com você.

— E pediu licença ao seu pai?

— Não, ele não sabe nada a respeito.

— Então volte para casa, porque, se minha mãe souber, irá ver a descompostura que ela sabe arrumar. Não fique aqui, não.

Ouvindo isso, ela começou a chorar. Eu soube depois que ela voltou para casa e que, entre soluços, disse à mãe dela:

— Ele não quer saber de mim!

De outra feita fui com minha mãe (meu pai falecera meses antes) dar um passeio em casa dos nossos parentes que moram em Piracuara no rio Tapuri. "É a primeira vez que eu vou passear por aquele rio — pensei comigo — Ninguém me conhece, acho que também as mocinhas não vão se incomodar comigo".

Mas não foi assim, não. Uma delas se enamorou tanto de mim que o jeito foi, para evitar algum solene raspão de minha mãe, o jeito foi fugir de noite, sem dizer nada, e voltar para casa . . .

Yogë (Olegário Aguiar)

Certo dia fui pescar. Tínhamos um cachorro marupiara: era só eu entrar na canoa que ele, nadando, atravessava o rio e lá se mandava atrás de cutias, pacas, etc.

Comecei a lidar com meus anzóis e consegui, como de costume, bastante peixes que acrescentados aos que costumava pegar meu pai, davam para o jantar e para o dia seguinte, de manhã, na refeição principal. De repente ouvi o cachorro latir e cada vez mais se aproximar da beira. Não passou muito tempo e eis que uma cutia, perseguida por ele, pulou no rio. Não perdi tempo: avancei em direção a ela, e levantei meu remo para dar-lhe uma pancada na cabeça e matá-la. Qual o quê? A canoa, muito pequena, não colaborou. Na hora em que ia lascar o golpe, virou. Fiquei alagado, os peixes que eu tinha pescado sumiram e a cutia, feliz da vida, conseguiu atravessar o rio. O cachorro ficou olhando para mim como quem diz: adeus jantar!

Voltei para casa, triste. Minha mãe foi a primeira a perceber o meu desapontamento. Eu então lhe contei tudo. Riu-se a valer. Riram todos. Porque, entre nós, quando um menino não se sai bem, não é objeto de compaixão.

Assim os meninos crescem mais corajosos e prestam muita atenção para não errar em nada, mesmo quando se trata de erros de linguagem.

— Vou pescar. Dequi a um mês estarei de volta. Irão ver quantos peixes!

Akheto (Ricardo Peixoto)

Todos os anos, em pleno verão, meu pai saía para ir pescar no baixo rio Tiquié. Demorava alguma vez até um mês. A volta sempre era festejada. Quantos peixes costumava trazer! Que alegria, especialmente entre nós pequenos! Não é que chegando eu aos nove ou dez anos (não lembro bem, pois nós, indígenas, somos ainda donos do tempo e não o contrário) pensei comigo mesmo, sem dizer nada aos outros:

— Tenho que fazer como meu pai, o verão está uma beleza, voltarei com a canoa cheia de peixes.

Dito feito, marquei o dia da saída. Levantei-me animado como nunca: banho bem cedo, como é costume entre nós, depois a refeição que é a principal do dia. Daí em diante não parei mais um minuto, preparei tudo: canoa, remo, arco, flechas, anzóis, iscas etc.

À tarde, pelas três horas, tudo estava pronto. Meu pai, minha mãe, os irmãos (eu era o caçula) e parentes não se intrometeram em nada (pois entre nós há uma sadia liberdade de movimentos), só de vez em quando uma olhadela como a perguntar: o que é que você está maquinando?

Então, vendo que tudo estava em dia fui despedir-me de minha mãe, de meu pai e dos outros:

— Vou pescar. Daqui a um mês estarei de volta. Irão ver quantos peixes!

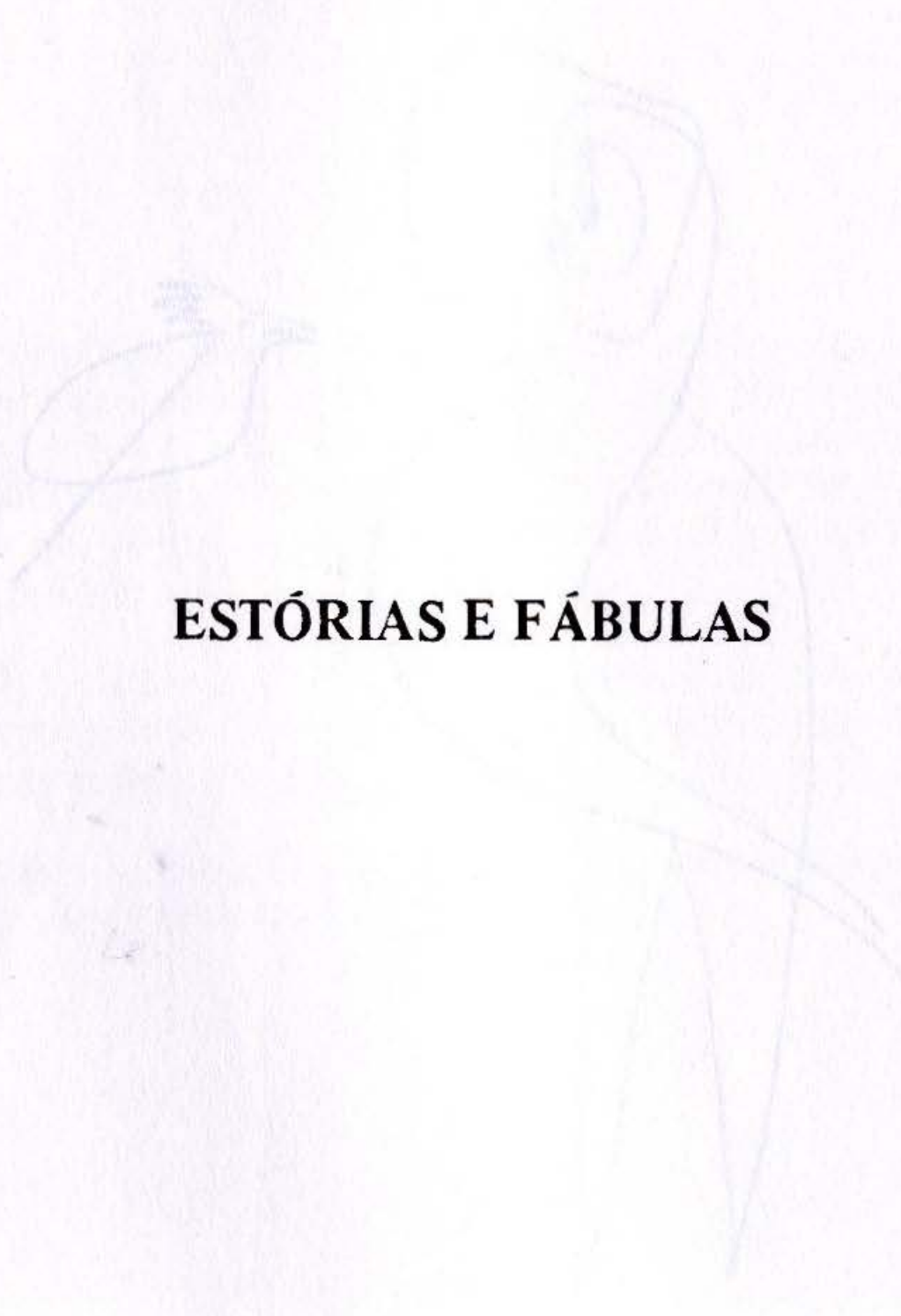
— Ótimo Akheto! — responderam — Añuáto nà añupetikãto (leve as nossas lembranças para todos).

E eu entrei na minha canoazinha e comecei a remar com toda a força. Depois de uns cinco estirões, levantei o olhar em direção das áreas da beira do rio: vi o sol querendo também ele se despedir. Que fazer? Continuar, faltava coragem, voltar para casa era a derrota completa. Parei e fiquei indeciso. Porém ao descambar do sol, não tive mais dúvida: o jeito foi voltar.

Cheguei em casa na hora do jantar. Ninguém percebeu, pensar em largar tudo e cair na rede, cansadíssimo, foi uma coisa só. Depois de uns minutos ouvi a voz de minha mãe:

— Akhëto, baágë atyá (venha comer).

O que se seguiu, todo o mundo pode imaginar.



ESTÓRIAS E FÁBULAS

A. Lima e o Pica-pau

A Arara e o Pica-pau



A Arara e o Pica-pau



A. JAMES & SONS

1881

A Arara e o Pica-pau

A Arara estava cansada, com frio e não tinha onde ficar. Sem saber o que fazer, encontrou por acaso o seu primo Pica-pau num tronco de árvore, furando a madeira para comer larvas de insetos. Conversaram os dois e no dia seguinte ela fez o ninho no local que ele preparara. Feliz na nova casa e muito agradecida ao primo, ela disse:

— Estou aqui graças a você. Eu sei que você trabalhou muito para construir esta moradia. Então, como retribuição, eu lhe ofereço o meu topete vermelho.

O Pica-pau ficou contente e até hoje usa o ornamento que a sua linda prima Arara lhe deu de lembrança.

O Bacurau¹ e a Casa Velha

No começo do mundo, o Bacurau era gente e tinha a sua própria casa para morar. Mas, com o tempo, a casa foi estragando aqui e ali, fazendo goteiras, caindo paredes, até que um dia ele vendo tudo aquilo disse:

– Sabe de uma coisa, o melhor mesmo é sumir dessa casa pois eu não estou com vontade de consertar coisa nenhuma; sozinho não dá!

E lá se foi para o cerrado onde vive até hoje.

(1) Ave noturna que canta especialmente nas noites de luar, de plumagem em geral marrom-ferrugínea com manchas mais escuras; os ninhos são feitos no chão. Também **curiango**, **ibijau**, **noitibó**, **acurau**, **joão-corta-pau**, **joão-mede-léguas**, **pinta-cega** (*Nyctidormus albicollis derbyanus* Gould.).

O Bacurau e a Casa Grande

Um dia, as aves do mundo se reuniram e decidiram: :

– Não temos pouso certo, então vamos construir juntas uma grande casa.

Aí, o Bacurau disse:

– Vocês podem fazer uma casa grande porque vivem à custa dos outros, roubando as frutas que deveriam deixar para as crianças. Eu, ao contrário, prefiro não ter casa e continuar assim.

Por que o Bacurau Dorme no Chão

Um dia, o Bacurau pensou em fazer uma casa para viver. E começou imaginando as coisas necessárias para a construção.

— Esteios, paxiúba,(1) cipó, caraná,(2) armação. . .

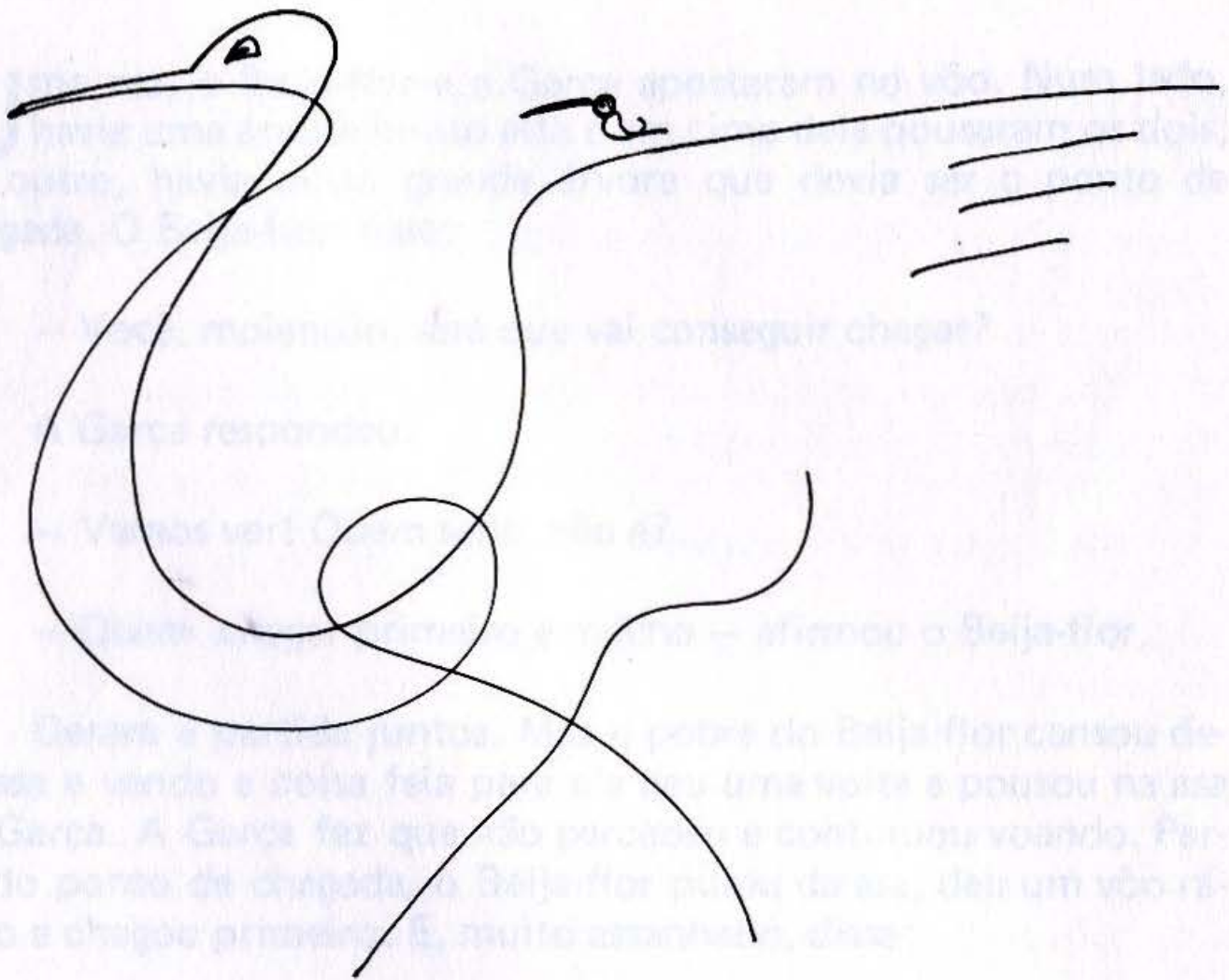
Aí, cansado só de pensar em tudo o que ia precisar, arrependeu-se:

— Não, não, vou ficar assim como estou: casa dá muito trabalho. . .

Desde o começo do mundo que o Bacurau dorme no chão.

(1) Palmeira de 10 a 15 metros de altura, de madeira escura e fibrosa. Sinônimo: castiçal (*Iriarteia exorriza*).

(2) Palmeira de frutos comestíveis e folhas ornamentais, estipe duro e resistente (*Mauritia carana*).



Por que o Bacurau Dorme no Curo

Um dia, o Bacurau parou em fazer o seu trabalho e começou a descansar.

- Esteio, pavista, (1) cipó, caraná, (2) e outros...

Aí, cansado só de pensar em tudo o que ele precisava fazer, deu-se:

- Não, não, vou ficar assim como estou, com muito trabalho...

Desde o começo do mundo que o Bacurau dorme no curo.

(1) Palmeira de 10 a 15 metros de altura, de madeira dura e fibrosa, com frutos castanhos (fruto exocarpo).

(2) Palmeira de frutos comestíveis e folhas grossas e duras, tipo duro e resistente (Mauritia caracasana e o Balsa).

O Beija-flor e a Garça

Uma vez, o Beija-flor e a Garça apostaram no vôo. Num lado, havia uma árvore muito alta e em cima dela pousaram os dois; no outro, havia outra grande árvore que devia ser o ponto de chegada. O Beija-flor disse:

– Você, molengão, será que vai conseguir chegar?

A Garça respondeu:

– Vamos ver! Quem sabe, não é?

– Quem chegar primeiro é macho – afirmou o Beija-flor.

Deram a partida juntos. Mas o pobre do Beija-flor cansou de pressa e vendo a coisa feia para ele deu uma volta e pousou na asa da Garça. A Garça fez que não percebeu e continuou voando. perto do ponto de chegada, o Beija-flor pulou da asa, deu um vôo rápido e chegou primeiro. E, muito assanhado, disse:

– Ganhei! Viu como vôo bem e sou mais veloz do que você?

A Garça muito tranqüila respondeu:

– Deixa de ser trouxa. Você é um molengão aproveitador. Pensa que eu não vi você pousado em mim?

O Cajubi¹ Madrugador

○ Jacu(2) foi escolhido pelos antigos para acordar os outros pássaros, de manhã bem cedo, antes de clarear o dia. Mas ele, coitado, gastou muito tempo se enfeitando, foi dormir tarde e perdeu a hora. Quando acordou, assustado, todo mundo já estava de pé.

O Cajubi, que não gosta tanto de enfeite e é bom madrugador, acordou primeiro e ganhou o lugar.

Até hoje é quem desperta os companheiros.

(1) Ave com a pele da garganta nua, de coloração azul-escura e parte das coberteiras das asas branca com pontas pretas. Ave sagrada para muitas tribos amazônicas. **Cajubim, cajubi e cujubim** (*Cracídeos*).

(2) Ave da mata, de corpo mais esguio do que o **mutum**, e que vive em bandos (*Cracídeos*).

O Calango¹ e o Bacurau

○ Calango e o Bacurau se casaram. Terminadas as festas, começaram a pensar na vida e decidiram fazer roças. O Bacurau saiu de madrugada para começar os trabalhos de limpeza do terreno e o Calango saiu quando o dia estava claro.

À tardinha os sogros, preocupados com a vida dos genros, combinaram ver juntos o serviço:

— Nessa altura, se eles trabalharam bem, as roças devem estar prontas.

Lá tiveram duas surpresas: o Bacurau, que saiu de madrugada, não fez nada, só fez uma roça que não deu nem para plantar umas manivas;⁽²⁾ e o Calango, que saiu mais tarde, fez uma roça bem grande.

Isso porque o Bacurau, em vez de trabalhar, só fica dormindo durante o dia; e o Calango não dorme durante o dia, só dorme à noite.

(1) Lagarto que mede até 45cm. Cor marrom, com pintas pretas na região dorsal, abdome branco, tingido de vermelho sob a cauda (*Tropidurus torquatus*).

(2) Muda de aipim ou mandioca.

O Cancã¹ e as Duas Noivas

No começo do mundo, o Cancã encontrou uma linda moça, gostou muito dela e os dois resolveram ficar noivos. Mas, passados alguns dias, ele vendo que não tinha comida, nem casa, nem nada, resolveu partir para outro lugar disposto a trabalhar e conseguir o necessário para o futuro casamento.

Ao voltar, porém, para a sua terra, muito tempo depois, com tudo o que queria não reconheceu mais nada e mais ninguém. Um dia, encontrou uma mocinha, gostou dela e ofereceu de presente um colar muito bonito que havia trazido da viagem. Ora, a mocinha ficou encantada com o colar e, sem muita demora, os dois começaram a viver juntos.

Quando a noiva verdadeira viu os dois juntos, ficou zangada e começou a zombar:

— Olhem só, olhem só, o tontão convivendo com a própria irmã!

Aí o Cancã ficou com vergonha, e, muito triste, perguntou:

— Será que eu fiz isso? Essa é que é a minha noiva verdadeira?

E por isso até hoje tem a marca do engano: uma lista branca no lugar onde havia dependurado o colar durante a viagem.

(1) Ave falconiforme de coloração preta, abdome, coxas e coberteiras inferiores da cauda branca. **Caracará-preto** (*Ibycter americanus* Bodd).

O Primeiro Vôo do Corocoró¹

Certa vez, o Corocoró disse para o filho:

– Meu filho, venha cá que eu vou lhe ensinar a voar. O primeiro vôo é muito perigoso e o perigo aumenta quando começamos a cantar:

– Coró, coró, coró, moá, moá, moá . . . Nessa hora você não deve se distrair com coisa alguma.

É assim que contavam os nossos antepassados.

(1) Ave pernalta, de plumagem negra, com bordados verdes no dorso e na cabeça, azuis nas rêmiges; fronte depenada cor-de-rosa (*Geronticus infuscatus*).

O Corocoró e a Arara

Uma vez, a mãe do Corocoró, vendo que o filho estava com fome, disse assim:

– Meu filho, pegue esse pedaço de pau e vá cavar minhoca.

Ele não gostou do que ouviu e resmungou:

– Eu não vou, não, mamãe, eu também quero ser Arara.

A mãe então explicou:

– Meu filho, não queira ser Arara, que não pode: seu irmão já é Arara.

O Corocoró ficou triste e chorou muito. Mas não houve jeito de mudar. E lembrando da ordem da mãe pegou o pedaço de pau que ela tinha jogado e lá se foi cavar minhoca.

E até hoje vive comendo minhoca na beira do rio.

O Corocoró e as Minhocas

Um dia, o Corocoró disse para as Minhocas:

– Venham cá que eu tenho uma estória para contar a vocês.

Muito animadas, as Minhocas disseram “ótimo, que bom”, e foram saindo do buraco. Só foi o tempo de saírem: o Corocoró devorou-as todas.

As pobrezinhas confiaram num estranho e foram enganadas.

Os Marianitos¹ e o Gavião-real

Um dia, cinco Marianitos encontraram o Gavião-real e disseram:

– Vamos ver quem é mais valente?

O Gavião-real soltou uma gargalhada e respondeu:

– Que é isso, meninos, com uma unhada só mando todos vocês para o outro mundo!

Depois de discutirem um pouco sobre a força de cada um, os seis terminaram escolhendo um lugar para brigar.

E assim que chegaram no ponto combinado, os Marianitos cercaram o Gavião-real e o liquidaram num abrir e fechar de olhos. Vendo que não tinha saída e que os inimigos estavam vitoriosos, o Gavião-real começou a gritar:

– Chega, chega, vocês ganharam, me soltem por favor. Estou vendo que vocês são muito unidos e organizados.

(1) Ave da família dos psitacídeos, de coloração verde, alto da cabeça e nuca alaranjados, garganta amarela, flancos e coxas verdes, coberteiras inferiores da cauda amarelas, e abdome branco. Sinônimos: **marianinha**, **mariquita**, **maipuré** e **periquito-d'anta** (*Pionites leucogaster* Kuhl).

Mas a vitória dos Marianitos não foi fácil como se pode imaginar. Eles tiveram que lutar muito, e foi por causa do esforço que fizeram que ficaram com os olhos arredondados.

E como prêmio do triunfo, o Gavião-real deu de presente o colar que eles usam até hoje.

— Será que você nunca viu isto antes? Eu já vi muitas vezes. Você está admirado porque contou tudo para mim?

Picando-se de raiva, o Gavião comentou:

— Você não quer ver, porque sabe o que vai acontecer? Não é que o Pica-pau entrou um dia na casa do Gavião-real e amassou o filhote dele? Foi uma coisa que ninguém sabia. O filhote estava empalmeado no chão. Quando chegou o Pica-pau e disse, sem mais nem menos:

— Cara nojent! Imagino quando crescer! Deve ficar tão soberbo e malvado que ninguém vai aguentar. Tenho uma vontade louca de acabar com sua vida.

E tão rápido quanto chegou, desapareceu.

Momentos depois, o Gavião-real chegou e encontrou o filhote chorando. Quando soube do acontecido disse:

— Como o Pica-pau se atreveu a fazer isso? Deixa, meu filho, que ele vai me pagar!

Dito isto levantou voo e foi bater na casa do Pica-pau:

— Ô de casa!

O Pica-pau, trancado lá dentro e muito desconfiado, não abriu a porta para recebê-lo.

O Gavião-real tentou então enganá-lo, dizendo:

(1) Armazém de madeira usada para guardar panelas, pratos, legumes, frutas etc.

O Gavião-real e o Pica-pau

Não é que o Pica-pau entrou um dia na casa do Gavião-real e ameaçou o filhote dele! Foi uma coisa que ninguém esperava. O bichinho estava empoleirado no jirau,⁽¹⁾ quando chegou o Pica-pau e disse, sem mais nem menos:

– Cara nojenta! Imagino quando crescer! Deve ficar tão soberbo e malvado que ninguém vai agüentar. Tenho uma vontade louca de acabar com sua vida.

E tão rápido quanto chegou, desapareceu.

Momentos depois, o Gavião-real chegou e encontrou o filhote chorando. Quando soube do acontecido disse:

– Como o Pica-pau se atreveu a fazer isso? Deixa, meu filho, que ele vai me pagar!

Dito isso levantou vôo e foi bater na casa do Pica-pau:

– Ô de casa!

O Pica-pau, trancado lá dentro e muito desconfiado, não abriu a porta para recebê-lo.

O Gavião-real tentou então enganá-lo, dizendo:

(1) Armação de madeira usada para guardar panelas, pratos, legumes, frutas, etc.

— Primo, venha ver que coisa extraordinária está acontecendo! O mundo está completamente diferente, está aparecendo no céu uma enorme quantidade de desenhos coloridos. Venha depressa!

O Pica-pau ironicamente respondeu:

— Será que você nunca viu isso primo? Eu já vi muitas vezes. Você está admirado porque não conhece nada. Divirta-se à vontade!

Picando-se de raiva, o Gavião comentou:

— Você não quer sair, sabidinho, porque sabe o que vai lhe acontecer.

E voltou para casa aborrecido e sem poder se vingar dos insultos feitos ao Gaviãozinho.

O Gavião-real e o Maku¹

Um dia, um Maku foi à roça apanhar folhas de coca e, antes de começar o trabalho, arrumou uma embira e fez um cinturão. Logo depois, enquanto estava entretido com o serviço, um Gavião-real despencou-se lá de cima, agarrou-o pelo cinturão no vinho e levou-o para um galho de uma árvore muito alta.

O que o Gavião-real queria era alimentar o filhote, pois assim que foi chegando foi arrancando os lábios do pobre do Maku e lhe dando para comer. Mais tarde, chamou os empregados, e, vendo que ninguém respondia, foi atrás. Foi a sorte do Maku: tão logo o raptor sumiu no mato, ele derrubou o filhote e desceu depressa, escorregando, agarrado a um cipó.

Mas ainda não estava terminada a perseguição ao Maku. Quando ele botou os pés no chão, apareceu a turma do Gavião-real para pegá-lo novamente. A árvore ficou repleta deles. Vendo que seria apanhado, entrou rápido num buraco e fechou a porta da entrada com uma casa de cupim.

O Gavião-real, furioso, ainda sobrevoou um pouco o buraco, mas, encontrando o filhote meio atordado com a queda da árvore, levou-o rápido para cima. E só assim deixou o Maku em paz.

(1) Índio Maku, tribo que habita as margens dos afluentes direitos do rio Negro, e a margem esquerda do Japurá e do alto Uraricoera.

O Japu¹ e os Pássaros Ingratos

Em todas as aldeias há muitos pássaros domesticados que vivem como “gente de casa” nas malocas e são cuidados com todo o carinho tanto pelos adultos quanto pelas crianças. Mas alguns deles, como a Arara, o Papagaio e o Periquito, dizem assim quando o dono está doente e pede socorro:

— Por mim, ele pode morrer. Se vivo a boca dele cheira ruim, imagine morto.

Nem todos os bichos são ingratos assim. O Japu, por exemplo, gosta muito do dono e fica triste quando ele adoecer, e diz:

— Eu vou tratá-lo bem porque ele se sacrificou muito por mim. Muitas vezes saía de casa sem comer nada e ia para o mato buscar comida para mim quando eu era ainda novinho.

O Japu está sempre junto do dono na hora da doença.

(1) Pássaro grande, de bico claro, parte anterior do corpo preta, dorso castanho e penas da cauda amarelas. Seus ninhos são bolsas finas e alongadas, às vezes de um metro de comprimento, dependurados não raro em grande número na mesma árvore (*Psarocolius decumanus* Pall.).

A Dedicção do Japu

Um homem criou um Japu com todo o cuidado. Toda manhã acordava cedo e ia buscar água e comida para o amigo, que passava uma boa parte do dia se balançando alegremente num galho de árvore ao lado da casa.

Um dia, o homem deixou o Japu em casa e saiu para o mato à procura de uns filhotes de Arara. Depois de muito andar, encontrou um ninho no fundo de um oco de pau, num lugar muito difícil de chegar. Mesmo assim tentou apanhar os filhotes. Mas, quando já estava perto do ninho, escapuliu, caiu no buraco e não pôde mais sair.

Em casa, o Japu começou a estranhar o atraso do dono. Esperou, esperou e começou a ficar preocupado. Já muito aflito, decidiu levantar vôo e ir procurá-lo. Finalmente, depois de voar muito, avistou o dono lá embaixo, no oco do pau, ligeiramente coberto com penas de Arara.

O Japu então pousou e começou a ver como poderia salvar o querido dono. O homem viu a intenção dele e, numa linguagem que ambos compreendiam perfeitamente, deu sinal de que o Japu devia buscar uma corda. O Japu foi, arranjou uma corda bem forte, jogou a ponta para o dono e prendeu a outra ponta no tronco de uma árvore. O homem agarrou a corda e foi subindo, mas um movimento qualquer a corda enlaçou o pescoço do Japu e o bichinho morreu ali, na hora, sem dar um só gemido.

Ao ver o acidente, o homem ficou desesperado. Abraçou o Japu e tentou salvá-lo de qualquer maneira. Executou até algumas cerimônias rituais para ver se restituía a vida ao amigo. Mas infelizmente tudo foi em vão.

O Japu pagou com a vida a amizade e o carinho do seu querido dono.

O Martim-pescador Pequeninho e o Tucunaré¹

Pousado num galho de árvore curvado sobre o rio, à espera de algum peixinho para matar a fome, o Martim-pescador pequenininho viu passar um bonito Tucunaré, mas não pôde fazer nada. Ao voltar para casa, disse à mãe:

— Mamãe, vi um peixe grande hoje. Quando eu crescer vou pegá-lo com o bico.

A mãe respondeu:

— Teu pai era do teu tamanho, meu filho.

O Martim-pescador pequenininho compreendeu que não ia crescer mais e desatou a chorar.

(1) Peixe da família dos cilídeos muito procurado pelo sabor da carne (*Cichla ocellaris* e *Cichla temensis*).

O Martim-pescador e o Pica-pau

Só de brincadeira, o Martim-pescador um dia convidou o seu primo Pica-pau para uma pescaria:

— Vamos lá, primo, vamos flechar uns peixes!

O Pica-pau aceitou o convite e lá se foram os dois para um lago cheio de cardumes de tudo que era peixe do mundo. Chegaram, arranjaram um bom lugar para ficar e se prepararam. O Martim-pescador, muito experiente nisso, disse, de gozação:

— Pronto, primo, pode começar a flechar. Olhe aí um Peixe grande bem pertinho!

O Pica-pau, coitado, que nunca soube o que era pescaria, fez a pontaria e errou. O Peixe nem precisou correr porque não houve perigo. O Martim-pescador caiu na risada:

— Primo, você é mesmo uma mulher . . . Como é que erra um peixe tão de pertinho?

Aí pegou o arco e uma flecha fez a pontaria e flechou logo um Peixe enorme. E todo orgulhoso comentou:

— Está vendo como se faz? É assim!

O Pica-pau tornou a pegar o arco, tentou acertar diversas vezes e não matou nada. A flecha passava sempre longe dos peixes, eles nem se incomodavam.

O Martim-pescador só fazia rir da ruindade do primo para pescar. E, mesmo brincando, flechou muitos peixes, e na volta para casa deu uma enfiada para o primo e ficou com outra.

O Pica-pau aceitou a brincadeira, mas prometeu vingar-se.

O Pica-pau e o Martim-pescador

Depois de ser gozado pelo Martim-pescador, que o convidou para uma pescaria, o Pica-pau resolveu convidá-lo, por seu turno, para apanhar **tapurus**(1) no tronco de buriti:

– Primo, vamos apanhar uns **tapurus** hoje?

O Martim-pescador disse que sim e, momentos depois, partiram os dois para a mata. Chegaram, escolheram um bonito buriti(2) e se prepararam. O Pica-pau, que conhecia bem o assunto, disse com ironia:

– Primo, pode começar a derrubar aquele tronco. Pegue o machado. Parece que tem muito **tapuru** aí.

O Martim-pescador, coitado, que nunca soube o que era apanhar **tapuru**, tentou cortar o tronco, mas, errando sempre o golpe, quase se feriu. O Pica-pau desatou a rir:

– Você também é mulher, não é primo? Olhe eu sou macho e costume fazer assim.

Nisso, pegou o machado e com três golpes derrubou um lindo buriti cheio de **tapurus**. E orgulhoso, comentou:

– Está vendo como se faz? É assim!

(1) O mesmo que **taperu**, bicho de fruta.

(2) A mais alta palmeira do Brasil, de cujos frutos se extrai vinho e se preparam doces (*Mauritia vinifera*).

O Martim-pescador tornou a pegar o machado, tentou derrubar pelo menos um buriti e nada. O machado quase nem feria a madeira.

O Pica-pau ria muito gozando o primo. E mesmo brincando, pegou o machado, rachou o tronco do buriti em dois pedaços, apanhou um monte de **tapurus** e, de volta para casa, deu uma porção para o primo e ficou com outra.

Depois de ser gozado pelo Martim-pescador, que o convidou para uma pescaria, o Pica-pau resolveu convidá-lo, por seu turno, para apanhar tapurus (1) no tronco de buriti.

— Primo, vamos apanhar uns tapurus hoje?

O Martim-pescador disse que sim e, momentos depois, partiu de dois para a mata. Chegaram, escolheram um bonito buriti (2) e se prepararam. O Pica-pau, que conhecia bem o assunto, disse com ironia:

— Primo, pode começar a derrubar aquele tronco. Pegue o machado. Parece que tem muito tapurus aí.

O Martim-pescador, cotado, que nunca soube o que era apanhar tapurus, tentou cortar o tronco, mas, errando sempre o golpe, quase se feriu. O Pica-pau disse-lhe:

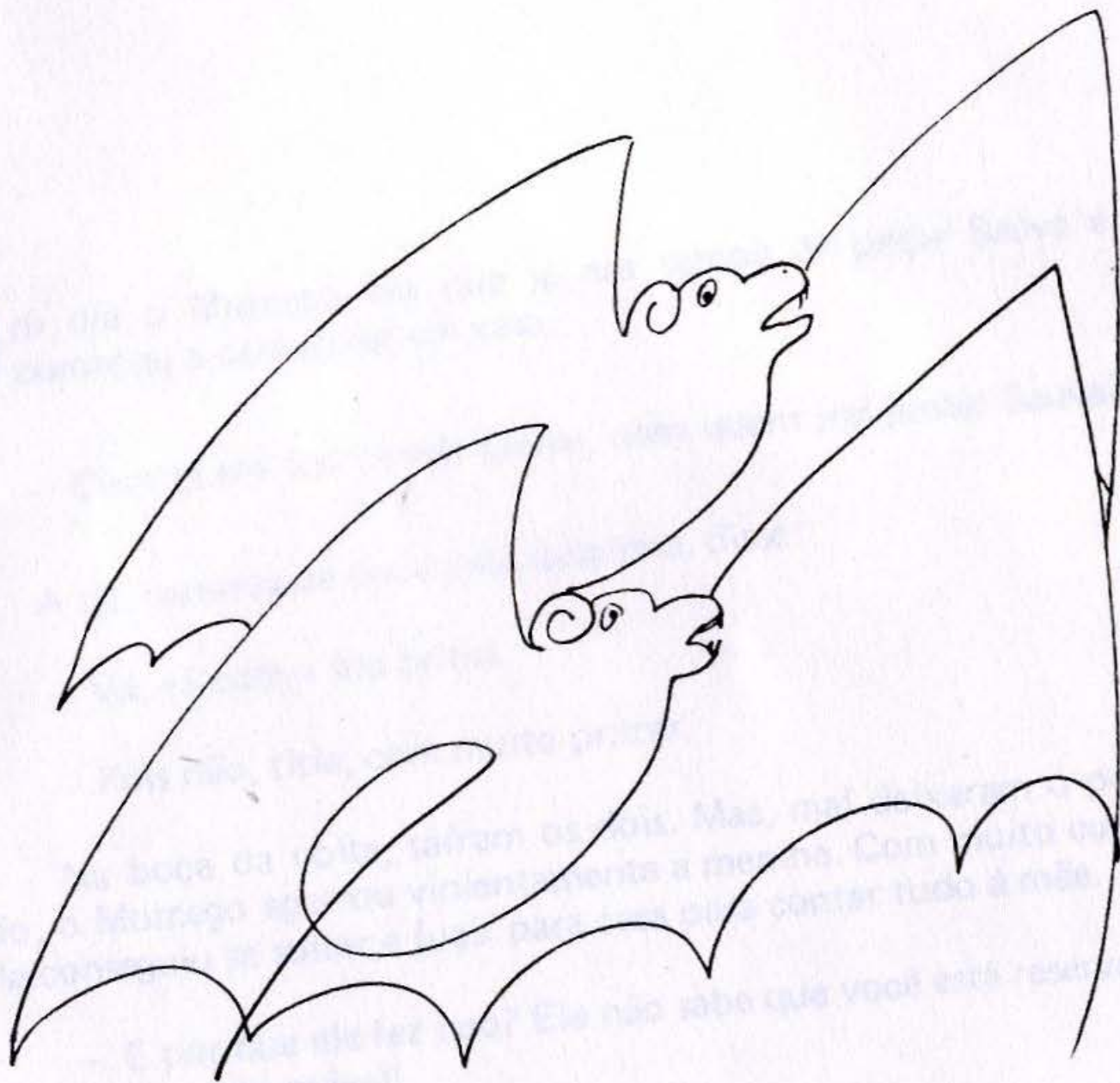
— Você também é mulher, não é primo? Olhe eu sou macho e costumo fazer assim.

Nisso, pegou o machado e com três golpes derrubou um lindo buriti cheio de tapurus. E orgulhoso, comentou:

— Está vendo como se faz? É assim!

(1) O mamão que aparece, picado de fruta.
(2) A mata alta pertencente ao Brasil, de cujos frutos se extraem vinho e se preparam doces (Maurício Vinícius).

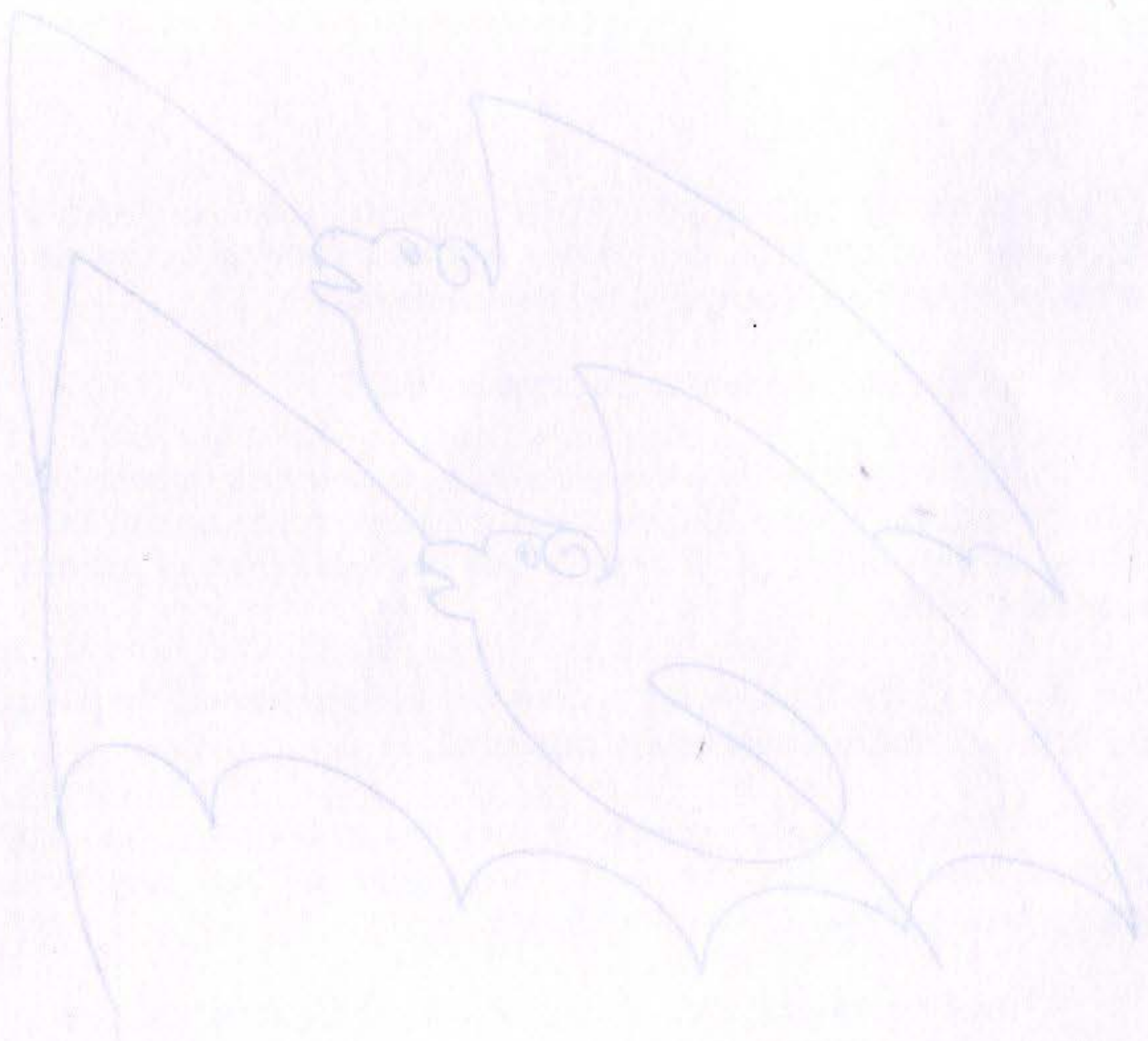
O Morcego e a Prima



O Morcego e a prima

O Martim-pescador tomou a noite o machado, tentou descu-
par pelo menos um buriti e nada. O machado quando não feria a
madeira.

O Pica-pau ria muito gozando o primo. E mesmo brincando,
pegou o machado, rachou o tronco do buriti em dois pedacos, ape-
nhou um monte de tapurus e, de volta para casa, deu uma porção
para o primo e ficou com outra.



O Morcego e a Prima

Um dia o Morcego viu que já era tempo de pegar Saúva e começou a cantarolar em casa:

– Com quem irei juntar Saúva, com quem irei juntar Saúva?

A tia, cansada de ouvir esta ladaíinha, disse:

– Vá, vá com a sua prima.

– Pois não, titia, com muito prazer.

Na boca da noite, saíram os dois. Mas, mal deixaram o portão, o Morcego agarrou violentamente a menina. Com muito custo ela conseguiu se soltar e fugir para casa para contar tudo à mãe.

– E por que ele fez isso? Ele não sabe que você está reservada para ele? Irresponsável!

Momentos depois, o Morcego também voltou para casa. Murchinho. Aí ficou atrás da parede e escutou a descompostura da tia. Em seguida, saiu quietinho e foi juntar Saúva. Mais tarde apareceu e foi se balançar na rede, repetindo as palavras da tia:

– Eu irresponsável, eu orelhudo, quio, quio, quio.

Enjoada com aquilo, a tia falou alto:

— Acaba com isso! Você ainda tem dúvida de que a sua prima vai casar com você?

Ele, vendo que tinha sido perdoado pela falta, pegou os embrulhos de Saúva que tinha juntado e deu de presente à tia . . . e futura sogra.

O Morcego e o Sangue Chupado

Dizem que o Morcego chupa o sangue da gente para levar para os filhotes. Chegando em casa, prepara o moquéim,⁽¹⁾ faz o moqueado, e chama os filhotes:

– Meus filhos, venham comer, não fiquem chorando. Vocês não imaginam como foi difícil arranjar essa comida. Tive que arriscar a minha vida, pois era tiro e mais tiro por todo lado.

A explicação é a seguinte: quando o Morcego está chupando o sangue das pessoas que estão dormindo e ouve o barulho dos traques pensa que é tiro de espingarda . . .

(1) Grelha de varas para assar ou secar a carne ou o peixe.

O Morcego e o Sol

O Morcego tinha idéia de construir uma casa grande e confortável. Mas, sem muita disposição para o trabalho, só fez pouca coisa e o dia foi passando. Vendo que não ia mais dar tempo, pediu ao primo sol:

— Primo, não vá embora logo, que hoje mesmo quero acabar minha casa.

— Pois não, primo.

Depois de mais umas horas de claridade, o sol disse:

— Olhe, se apresse que eu já vou indo.

— Não faça isso — respondeu o Morcego — Só falta um pouquinho para terminar.

Mas o sol, vendo que o primo estava com conversa fiada e que não estava trabalhando direito, foi descambando no horizonte.

Por esse motivo foi que o Morcego rompeu a amizade com o sol. E com tanta raiva ficou que não sai mais durante o dia, só anda à noite.

O Mergulhão¹ e o Jacaré

○ Mergulhão e o Jacaré encontram-se dentro d'água:

– Oh! primo, como vai você? – perguntou o Jacaré – O que é que está fazendo?

O Mergulhão respondeu:

– Estou pelejando para ver se consigo uns peixinhos, mas até agora nada! Eu estou com um azar danado hoje, pois é a primeira vez na minha vida que vejo um Calango rastejando no leito do rio atrás de peixes.

O Jacaré não perdeu tempo:

– Ah! eu também estou com o mesmo azar, pois é a primeira vez na minha vida que vejo um pássaro pescar no fundo do rio com um bico enorme capaz de furar os olhos dos outros.

... e cada qual seguiu o seu caminho!

(1) Ave que mergulha muito bem e se alimenta de peixe. Parece com um ganso ou um pato (*Aechmophorus podilymbus* e *podiceps*).

A Ingratidão do Mutum¹

○ Gavião topou com o Mutum e disse:

— Primo, vamos procurar comida. Quem sabe se com a proteção de Deus não encontramos coisas boas?

O Mutum respondeu:

— Com a proteção de Deus eu nunca encontrei coisa boa.

Por essa ingratidão é que o Mutum anda comendo alimentos ruins, ao passo que o Gavião vive saboreando coisas gostosas.

(1) Ave que vive na mata, parecida com o peru e de carne muito procurada pelo sabor (*Cracídeos*).

O Pohó¹ e a Viagem

Antes de iniciar uma viagem, a gente espia a posição do Pohó no galho da árvore: se ele estiver olhando em nossa direção, é sinal de boa viagem; se estiver de costas, significa que acontecerá alguma coisa ruim.

(1) Ave da família dos columbiformes, espécie de pomba-rola, de plumagem branca e bico vermelho.

O Pescador Fanfarrão

Um dia a mãe do pescador saiu de casa e foi comprar uns anzóis para o filho pegar peixes para ela. De volta, disse:

– Meu filho, comprei vários anzóis para você. Estou morrendo de fome, vá ver se pesca alguma coisa boa para a gente comer.

O filho, muito fanfarrão, foi logo respondendo:

– Deixe comigo, mamãe, sou marupiara(1) e tenho puçanga(2) de primeira. Vou pegar peixes grandes, a senhora vai ver.

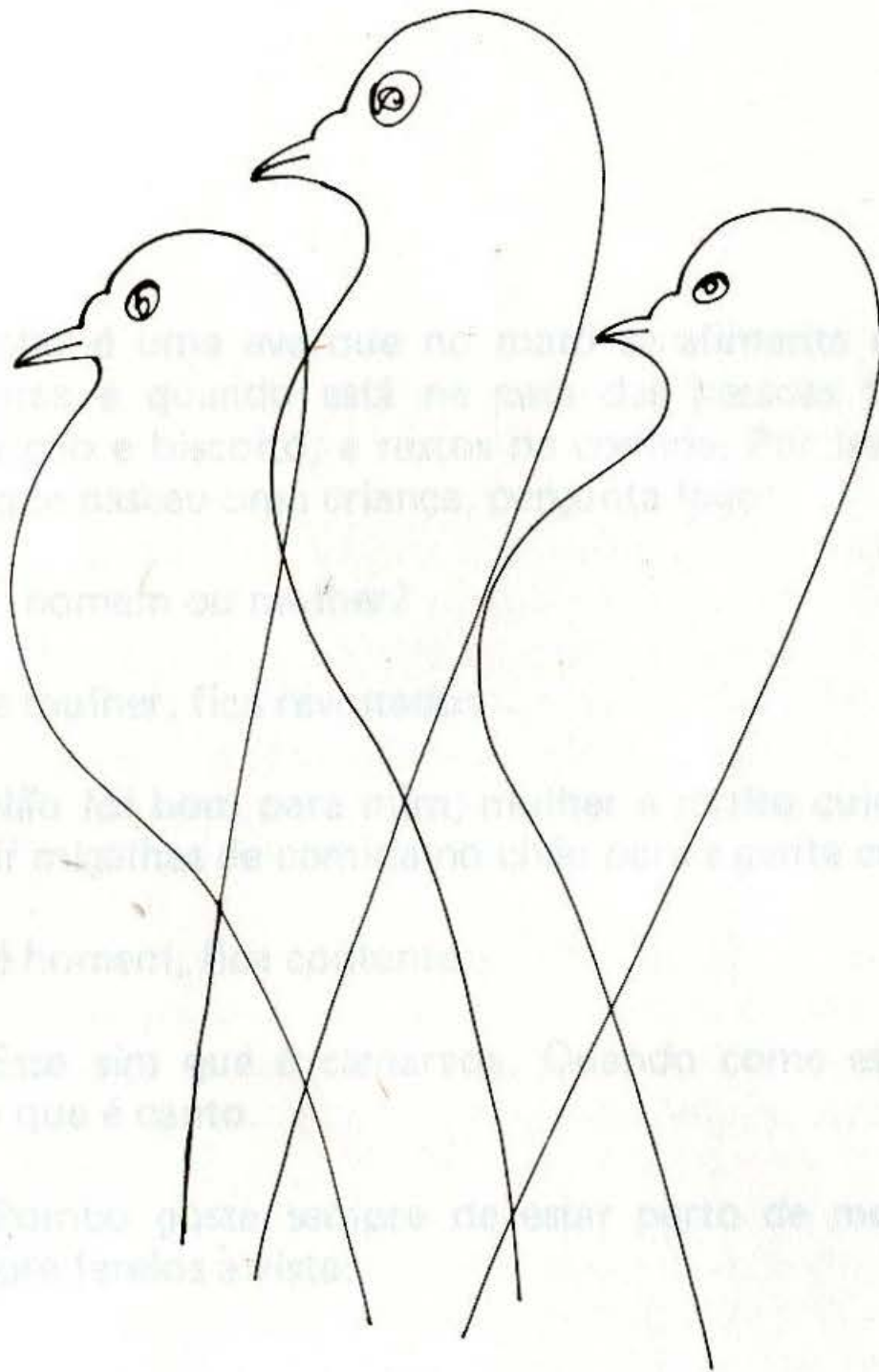
Mal acabou de falar, pegou os anzóis, arrumou um caniço e lá se foi para a beira do rio. De tardinha, voltou murcho, encabulado, trazendo somente um Jacundazinho! (3)

A mãe, que já estava cansada de esperar, olhou para o fanfarrão e não disse nem uma palavra. Só fez pegar o peixinho e atirar fora.

(1) Palavra tupi que quer dizer “sorte”. Pessoa feliz no amor, na caça e na pesca.

(2) Feitiço.

(3) Peixe pequeno parecido com a traíra (*Ciclídeos*, gênero *Crenicichla* Heckel).



O Pombo e as crianças

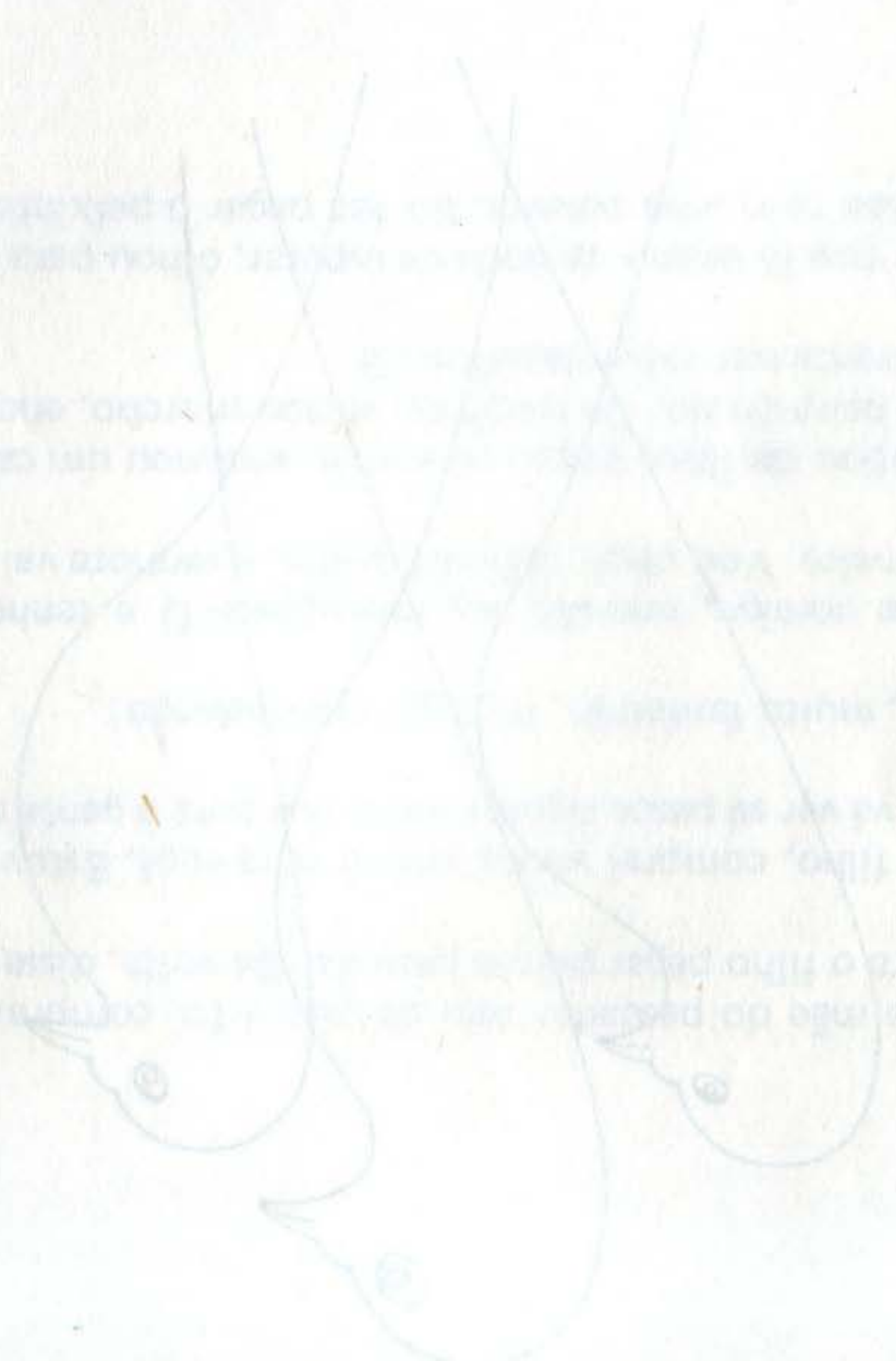
1. Para o estudo das células e tecidos, é necessário utilizar microscópio de luz. Este aparelho permite observar estruturas celulares e teciduais com clareza. A preparação adequada dos materiais é essencial para obter bons resultados.

2. O estudo das células e tecidos é fundamental para a compreensão da fisiologia e da patologia. A observação microscópica permite identificar alterações estruturais e funcionais que ocorrem em diferentes condições.

3. A utilização do microscópio de luz é essencial para a análise de células e tecidos. Este instrumento permite observar detalhes das estruturas celulares e teciduais que não são visíveis a olho nu.

4. O estudo das células e tecidos é fundamental para a compreensão da fisiologia e da patologia. A observação microscópica permite identificar alterações estruturais e funcionais que ocorrem em diferentes condições.

5. A utilização do microscópio de luz é essencial para a análise de células e tecidos. Este instrumento permite observar detalhes das estruturas celulares e teciduais que não são visíveis a olho nu.



O Pombo e as Crianças

O Pombo é uma ave que no mato se alimenta de grãos e sementes e quando está na casa das pessoas também come farelo de pão e biscoito, e restos de comida. Por isso, quando ouve dizer que nasceu uma criança, pergunta logo:

— É homem ou mulher?

Se é mulher, fica revoltado:

— Não foi bom para mim; mulher é muito cuidadosa, nunca deixa cair migalhas de comida no chão para a gente comer.

Se é homem, fica contente:

— Esse sim que é camarada. Quando come espalha comida por tudo que é canto.

O Pombo gosta sempre de estar perto de meninos pois aí tem sempre farelos à vista.

A Esperteza do Pussicá¹

○ Cancã é uma ave muito espalhafatosa. Vive gritando o dia todo, pra lá e pra cá, sem motivo algum, só pelo prazer de fazer algazarra.

Por ser assim, foi que um dia ele botou a perder o trabalho que o demiurgo estava fazendo para eliminar o monstro chamado "Diá Doé", um monstro muito perigoso que queria devorar os primeiros habitantes da terra. Aconteceu assim: o demiurgo (2) colocou um grande matapi(3) na cachoeira de São Gabriel e pediu ao Cancã que assim que o monstro entrasse desse um sinal para que ele fosse pegá-lo.

Mas saiu tudo ao contrário do combinado: o barulhento do Cancã ficou nervoso e nem esperou que o monstro entrasse no matapi. Tão logo o avistou começou a gralhar. Ora, o monstro, quando ouviu aquilo, deu meia volta e fugiu.

Muito contrariado com o acontecido, o demiurgo não teve dúvida: demitiu o Cancã e convidou o Pussicá para fazer a tarefa. O Pussicá fez o trabalho perfeito: ficou espiando caladinho e assim que o "Diá Doé" (4) entrou, deu o aviso. O demiurgo só teve o trabalho de chegar e eliminar o monstro.

(1) Pássaro pequeno de cujo canto vem o nome — **pussíria, pussíria**. Em língua geral, **pitiro**.

(2) Criatura intermediária entre a natureza divina e a humana.

(3) Covo alongado feito de jacitara (palmeira), e cuja abertura voltada para dentro, em forma de funil, oferece entrada ao peixe que fica pelas arestas das talas, impedido de sair.

(4) Traíra-monstro, monstro antediluviano.

O Urubu e o Demiurgo

Uma vez o demiurgo decidiu pregar uma peça no Urubu: deitou-se no chão, bem quietinho, sem piscar nem os olhos, fingindo que estava morto. O Cajubi, vendo aquilo, imaginou logo que só podia ser uma peça contra o Urubu e foi correndo avisar o amigo. Encontrou o Urubu pousado no galho de uma árvore e disse:

— Puim, puim, puim . . . cuidado com este cara! Ele não está morto nem nada. Ele está é querendo te pegar!

Mas o Urubu, mal-agrado, nem ligou para o Cajubi. Saiu voando baixo, pulando no ar como ele costuma fazer, doido para descobrir a "carriça" do demiurgo. Quando descobriu, voou direto para ela, pousou em cima e começou logo a bicá-la. Mas como o demiurgo não estava morto coisa alguma, estava bem vivo, o bico não entrava, escorregava sempre. Aí o demiurgo não teve dúvida: pegou o Urubu, segurou bem e deu-lhe uma surra daquelas!

O Cajubi, que estava voando por perto justamente para ver o resultado, gritou lá do alto:

— Bem que avisei, bem que avisei.

A Anta e o Guariba¹

Antigamente o aparelho com que o Guariba emite a sua estrondosa voz pertencia à Anta. E a Anta, grande como é, quando começava a gritar, os animais da floresta tremiam de medo, as folhas das árvores caíam, todo mundo ficava assombrado.

Um dia, vendo que tal situação não poderia continuar, pois tudo o que era animal só andava assustado, o demiurgo teve uma idéia: arranjou as coisas de tal modo que o Guariba enganasse a Anta e tomasse o possante aparelho. Como o Guariba não é grande e forte, poderia gritar à vontade que ninguém teria medo; e a Anta, por sua vez, ficaria com uma vozinha fina que também não daria para assustar ninguém.

Assim foi feito. Com jeito de quem não quer nada, o Guariba pediu à Anta que lhe emprestasse um pouquinho o aparelho, só para ele experimentar. A Anta desconfiou dele mas terminou emprestando. O Guariba pegou o aparelho, passou rápido para um companheiro que estava no galho, este passou para outro e, de repente, não se sabia mais em que mão estava.

Hoje o Guariba grita forte na mata e a Anta só faz assoviar. E ninguém vive assustado como antes.

(1) Designação comum aos símios platirrinos, da família dos cebídeos, gênero *Alouatta*. De coloração escura, caracteriza-se pela maxila inferior barbada e, sobretudo, pelo grito peculiar.

A Anta e as Formigas

Depois que foi enganada pelos Macacos Guaribas e perdeu o aparelho vocal com que emitia estrondoso alarido, a Anta começou a vagar, sem rumo, mato adentro. Um dia, encontrou as Formigas "Carregadoras de Tuiuca". (1)

— Olá, quem são vocês? — indagou às Formigas.

— Não nos conhece mais, prima? Somos as "Carregadoras de Tuiuca".

A Anta entendeu mal e pensando que elas estivessem carregando tuiuca, foi logo se oferecendo:

— Muito bem, primas, então eu vou com vocês apanhar tuiuca para ver se posso construir outro aparelho de alarido já que o meu me roubaram.

As Formigas disseram "sim" e iniciaram a caminhada. A certa altura, já bastante cansada, a Anta reclamou:

— Mas onde está essa tuiuca que não chega nunca?

Só aí foi que as Formigas resolveram esclarecer o engano:

— Não, prima, nós não vamos buscar tuiuca, não! Nós nos chamamos "Carregadoras de Tuiuca" . . . Este é o nosso nome!

A Anta, desesperada, começou a pisoteá-las, vendo que havia sido enganada pela segunda vez.

(1) Barro preto com que se faz **camuti** (panela de barro).

A Anta e as Frutas

A Anta tem umas coisas que a gente não entende. Por exemplo: quando vê a frutinha de umiri(1) lá em cima da árvore, diz:

– Tenho que andar com muito cuidado, pois se uma frutinha dessa cair em cima de mim é capaz de acabar comigo.

Mas quando vê a fruta do ucuqui,(2) muitas vezes maior do que o umiri, finge não ligar:

– Com essa não preciso ter cuidado, pois se cair poderei apará-la facilmente.

(1) Arbusto ou árvore, cuja casca cortada cede um bálsamo aromático e cuja madeira é aproveitada na construção. Frutos de cor preta, resinosos e comestíveis (*Humíria balsamífera* Aubl.).

(2) Grande árvore de sapopemas muito altas, enormes, ramificadas acima do chão. As sementes podem ser comidas assadas ou cozidas (*Nictagináceas*).

A nua de mola uma viagem a garza e mola a posicao do Puhle
no galho da árvore; se ele estiver ali, a viagem é boa,
é sinal de boa viagem; se estiver de costas, a viagem será
alguma coisa ruim.



Porque a Cutia estraga a roça

10000 e 10000 e 10000 e

- (1) ...
- (2) ...
- (3) ...



... ..

Por que a Cutia Estraga a Roça

Um dia, a mãe disse para a filha:

– Vamos embora, minha filha, limpar a mandioca.

A menina respondeu:

– Não vou, não, mamãe, estou com muita preguiça.

A mãe, aborrecida, observou:

– Por causa de sua preguiça é que a Cutia está comendo toda a nossa roça.

A filha nem ligou:

– Ela pode comer até se arrebentar.

A Cutia que estava espiando o que se passava dentro de casa ficou feliz com as palavras da menina e falou baixinho:

– Formidável, queridinha, faça sempre assim.

Por serem as crianças preguiçosas e malcriadas com as mães é que a Cutia continua estragando as roças.

A Cutia e o Vinho de Pupunha¹

A Cutia tem esse costume: pega as mutucas(2) com um cesto e, em seguida, solta-as com a seguinte recomendação:

– Vão ligeiro, vão tirar vinho de pupunha para mim!

As mutucas saem voando e vão direto sugar o sangue do primeiro que aparecer. Umas não voltam mais para a casa da Cutia – são as que a gente mata com a mão; outras voltam – empanturradas de “vinho”.

Para a Cutia, o sangue é como se fosse vinho de pupunha.

(1) Fruto da pupunheira (*Guilielma speciosa*), amarelo, de polpa fibrosa e sabor agradável, e que se come cozido em água.

(2) Inseto díptero que ataca muito o gado, os cavalos e também o homem. Sinônimos: motuca e botuca.

A Cutia e as Donas da Roça

As donas da roça, vendo o estrago feito pela Cutia nas plantações, reclamam:

— Ô, bicho sem vergonha, come tudo, não deixa nada crescer.

E gritam aborrecidas:

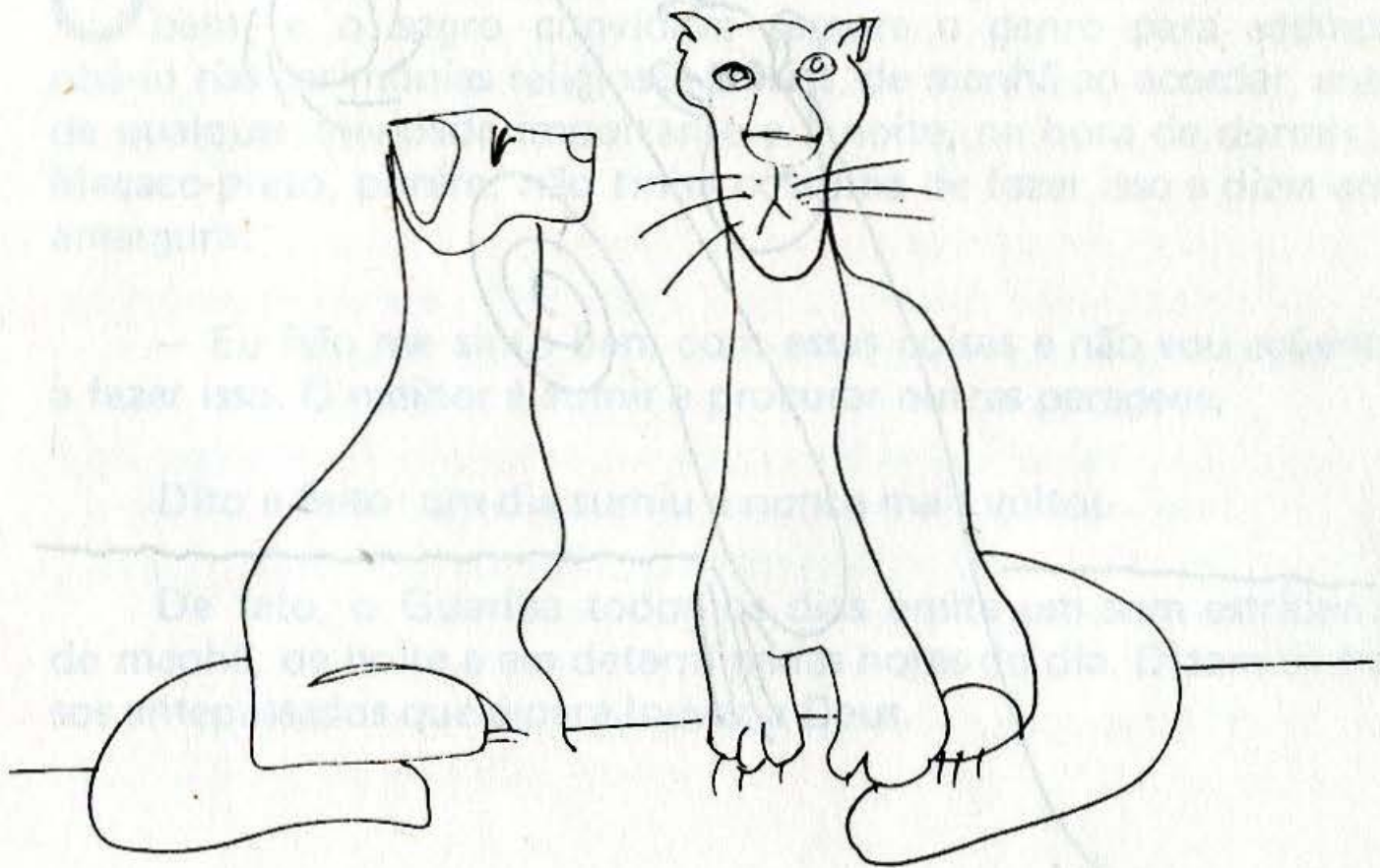
— Vai-te embora.

A Cutia, porém, finge que não ouve direito e diz:

— Já que estão me convidando, amanhã eu volto.

O Faro do Cachorro e da Onça

Contam os antigos que no começo do mundo a Onça tinha um grande faro e o Cachorro nenhum. Isso era um grande perigo para todo mundo, pois feroz como é e com um grande faro a Onça podia descobrir e devorar quem quisesse. Vendo isso, o demiurgo, com pena da humanidade, resolveu trocar a situação: o Cachorro ficou com o faro da Onça e a Onça sem nenhum.



O faro do Cachorro e da Onça



O Guariba e o Macaco-preto

O Guariba e o Macaco-preto

○ Macaco-preto casou com a filha do Guariba. A família vivia bem, e o sogro convidava sempre o genro para acompanhá-lo nas cerimônias religiosas diárias, de manhã ao acordar, antes de qualquer atividade importante e à noite, na hora de dormir. O Macaco-preto, porém, não tinha costume de fazer isso e dizia com amargura:

— Eu não me sinto bem com essas coisas e não vou agüentar a fazer isso. O melhor é sumir e procurar outras paragens.

Dito e feito: um dia sumiu e nunca mais voltou.

De fato, o Guariba todos os dias emite um som estridente, de manhã, de noite e em determinadas horas do dia. Dizem os nossos antepassados que é para louvar a Deus.

O Quati¹ e a Cutia

Um belo dia, o Quati convidou a Cutia para tomar um pouco de caxiri⁽²⁾ que ele havia preparado. A Cutia aceitou o convite, foi à casa do primo e lá, em vez de tomar a bebida com um certo controle, abusou. O Quati, notando o exagero da prima, disse, gracejando:

– Prima, sabe de uma coisa? Quando eu me excedo um pouco na bebida, sou capaz de comer o meu próprio rabo!

O Quati falou assim, à toa, só para brincar, mas acontece que, já um pouco tonta com o caxiri, a Cutia quis imitar a prima e, pronto, fez uma volta rápida sobre o próprio corpo, deu uma mordida violenta no rabo, e torou-o para sempre!

Foi por isso que ela ficou com o rabo bem curtinho...

(1) Mamífero carnívoro, em geral cinzento-amarelado, de focinho e pés pretos, e cauda com sete a oito anéis (*Nasua narica*).

(2) Espécie de bebida obtida pela fermentação da mandioca, milho ou frutas.

O Conselho da Cutiuaia¹

Assim como as pessoas observam o que os animais fazem, como andam, o que comem, como dormem, como fazem suas casas, os animais, por sua vez, também ficam espiando o que as pessoas fazem. A Cutiuaia, por exemplo, é uma boa observadora:

— As pessoas se cuidam muito quando andam pelo mato com medo de alguns animais, sobretudo de Cobra e Onça, com medo de espinho e de doenças. Mas, quando se deitam ficam muito despreocupadas. Ficam se balançando, juntas ou sozinhas, sem pensar mais na vida. E isso é um perigo para elas.

E dando um conselho às pessoas, ela diz:

— Para todos os animais, a hora de dormir é a mais perigosa, é a hora em que a gente tem que se cuidar mais, do contrário o inimigo aparece e devora a gente.

(1) Mamífero roedor de hábitos noturnos, menor do que a cutia. Sinônimos: cutiaia, cotiara, acuxi, cutia-de-rabo (*Dasyprocta acouchy* Erxl.).

O Casamento da Cutiuaia Macho

A Cutiuaia macho casou com o Sapo fêmea chamado Nextenó. Passados os primeiros dias, os dois começaram a não se sentir bem, a ver que cada um pensava de maneira diferente e que a união não ia dar certo. A Nextenó não gostava de trabalhar e tinha sempre uma desculpa para ficar em casa:

— Não posso ir. A roça fica muito longe e no meio do caminho há muitos paus atravessados. As minhas pernas são curtas e não dão para pular.

Quando a Cutiuaia macho dizia que bastava que ela ajudasse um pouco carregando a comida, ela respondia:

— Não posso. Você está vendo, eu sou baixinha e o aturá(1) é maior do que eu. Não, não dá para carregar.

Quando o convite era para cuidar da mandioca, ela também tinha uma desculpa na ponta da língua:

— O tipiti(2) também é grande demais para mim.

Vendo tanta desculpa e tanta má-vontade, disse a Cutiuaia macho:

(1) Cesto grande e alto que os índios levam às costas suspenso por uma embi-ra passada à volta da cabeça.

(2) Instrumento de palha, de forma cilíndrica, usado para espremer a mandioca ralada na fabricação de farinha.

— Meu bem, se é assim não podemos nos unir para toda a vida.

E dito isso, escondeu a Nextenó e cobriu-a de folhas de maneira que ninguém pudesse enxergá-la.

De fato, só sabemos que ela existe quando ela coaxa.

O Filho da Cutiuaia

Mal nasceu o primeiro filho da Cutiuaia macho, o pessoal espalhou a notícia e comentou que ele não era o pai. A Cutiuaia não gostou, mas se conteve até o dia em que pôde dar uma resposta às más línguas. Depois que viu o filho crescidinho, disse:

— Hoje vou ao mato buscar comida.

Andou por um lado, andou por outro, enfim descobriu uma fruta e a deixou no lugar onde estava. Aí voltou para casa e para o filho:

— Se você realmente é meu filho, você vai descobrir a fruta que eu vi no mato.

Ouvindo isso, o bichinho partiu ligeiro para procurar a fruta. Procurou, procurou e terminou encontrando. Ao chegar em casa com a fruta na mão, ouviu a confissão:

— Você realmente é meu filho.

A Cutiuaia e a Jibóia

Um caçador estava no mato e, de repente, ouviu os gritos da Cutiuaia assustada com uma Jibóia. Aí, deu uns passos, escondeu-se atrás de uns galhos e começou a espiar o que estava acontecendo.

E viu esta cena: a Jibóia olhando firme para a Cutiuaia e a Cutiuaia também olhando firme para a Jibóia. Só que a Jibóia ia se aproximando, bem devagarinho, da Cutiuaia, e a Cutiuaia tentava recuar mas dava a impressão de que estava presa ao chão, incapaz de fazer qualquer movimento. Não demorou muito, a Jibóia deu um bote e conseguiu pegar a Cutiuaia.

É que a Jibóia tem **puçanga** para atrair os bichinhos e assim encher o papo.

Por isso o rabo do Gambé é pelado.

A Cutiuaia e a Muçurana¹

Sempre que ia passear no mato e encontrava a Muçurana arrastando-se pelo chão, a Cutiuaia começava a mangar:

— Muçurana sem pernas, Muçurana sem pernas! . . .

E tanto chateou e tanto chateou que um dia a Muçurana, perdendo a paciência, deu um bote e agarrando a bichinha pelo pescoço se vingou:

— Experimente agora me chamar de Muçurana sem pernas, experimentalmente!

Quando isso, a bichinha partiu ligeiro para procurar a fruta. Procurou, procurou e terminou encontrando. Ao chegar em casa com a fruta na mão, ouviu a confissão:

— Você realmente é meu filho.

(1) Cobra não-venenosa que ataca e devora as venenosas. Também conhecida como **limpa-pasto**, **limpa-campo** e **limpa-mato** (*Pseudoboa cloelia* Dandin).

O Gambá¹ e a Onça Macho

Dizem que o Gambá fêmea casou com a Onça macho. E todo dia a Onça macho ia caçar e quando voltava entregava à mulher a caça que conseguia. Mas ela só trazia animais pequenos e o Gambá não gostava. Um dia, ele se aborrecêu e reclamou:

— Meu bem, é possível que você não possa pegar, pelo menos uma vez, alguma caça grande?

E mal terminou a pergunta, foi saindo pela porta, dizendo:

— Deixe estar que eu vou matar uma Anta no bebedouro. . .

Foi para o bebedouro e ficou esperando. Depois de umas horas, apareceu uma Anta, andando devagar. O Gambá fêmea pulou em cima dela para matar. A Anta jogou o enorme corpo em cima dele, agarrou-lhe o rabo e com a pata arrancou tudo que era pelo.

Por isso o rabo do Gambá é pelado.

(1) Mamífero marsupial, de pelos longos, pretos e brancos, hábitos noturnos, e possuidor de glândulas que segregam um cheiro bastante desagradável. Também **mucura**, **sarigüê**, **saruê**, **sarigüeia**, **timbu** e **cossaco** (*Dedelfídeos*).

O Gambá e os Tucunarés

Contam que o Gambá, ouvindo dizer que o Martim-pescador era o maior marupiara da região, ofereceu-lhe a filha em casamento. O Martim-pescador casou, mas passou muito tempo sem visitar o sogro. Um dia, o Gambá foi à casa do genro e queixou-se à filha:

— Eu te dei em casamento ao Martim-pescador para poder comer peixe à vontade, mas, até agora, nem cheiro!

O Martim-pescador soube da queixa e decidiu pescar alguma coisa para o velho comer. Foi à beira do rio, empoleirou-se num galho curvado sobre a água, esperou um pouco, e lá vieram dois Tucunarés! Ele se atirou com incrível ligeireza e pegou o mais bonito. Chegando em casa, entregou-o à esposa, dizendo:

— Tome, vá prepará-lo para o velhinho matar a fome.

O Gambá comeu à vontade e perguntou à filha:

— Como é que se consegue pegar coisa tão saborosa?

A filha explicou a técnica do marido e, no dia seguinte, o Gambá pediu-lhe que mostrasse o lugar onde o genro tinha feito a pescaria. E lá se foram os dois. Não demorou muito, o Gambá avisitou dois grandes Tucunarés e jogou-se rápido para pegá-los. Aconteceu, porém, que os Tucunarés apararam-no de boca escancarada e lá dentro o Gambá acabou os seus dias.

Ó Presente do Mucura¹

Uma vez, o Mucura fez a seguinte proposta à esposa:

— Olhe, conserte a minha rede que eu vou caçar uma Inambu(2) para você.

A esposa, que adorava Inambu, aceitou a proposta e endireitou a rede toda, trabalhando sem parar. O Mucura gostou muito do serviço e agradeceu:

— Muito obrigado. Mais tarde vou pegar a Inhambu que prometi.

Mas, deitado na rede consertada, foi ficando, ficando e só à noite é que foi para o mato. Quando voltou, bem tarde, entregou a caça à esposa:

— Tome aqui a sua Inhambu . . .

Ele disse que era Inhambu, mas, para nós, apanhada àquela hora só podia ser Galinha roubada. . .

(1) O mesmo que gambá.

(2) Ave de cabeça pequena, corpo volumoso, sem cauda, que vive sempre no chão e se alimenta de frutos e sementes. Sinônimos: **inamu**, **inhambu**, **nhambu**, **lambu** e **poranga** (*Tinamus* Lath.).

O Rapaz e a Mucura-gente

Um rapaz e a Mucura-gente casaram e tiveram um filho. Um dia, ela disse para o marido:

— Meu bem, está chegando o momento de me afastar por uns dias.

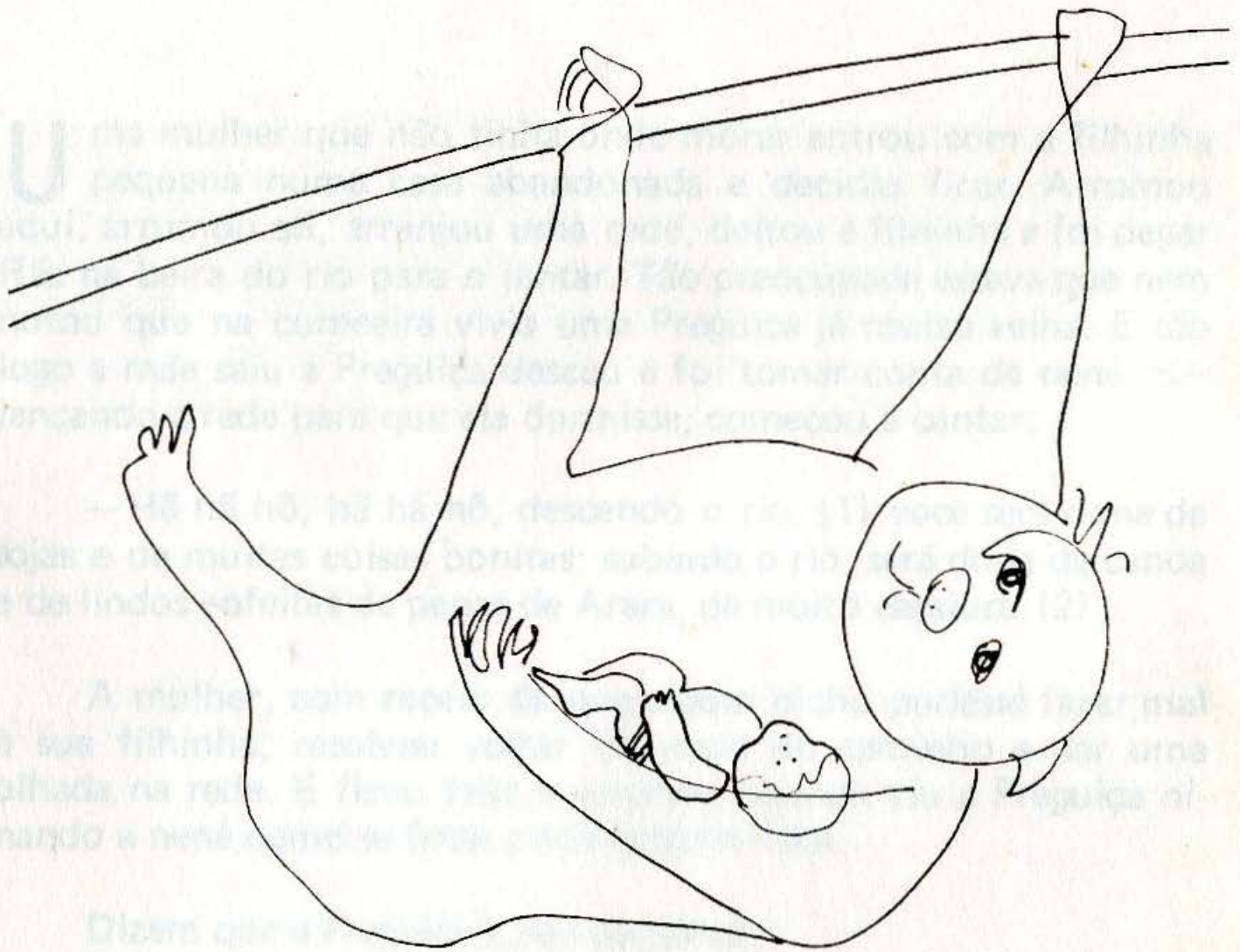
Antes de partir, deu alguns conselhos ao marido, dizendo que, daí por diante, ele não podia mais olhar para ela e nem para o filho.

Dito isso, sumiu de casa e, como de costume, foi entrar em estado de letargia, ficando com o corpo todo coberto de uma espécie de mofo.

Mas o marido, teimoso, foi espiá-la. E reparou que ela e o filho estavam completamente murchos. Vendo isso, ele ficou apavorado e foi beliscar o nariz do filho para ver se estava vivo ou morto. O nariz então começou a sangrar e virou uma ferida que não sarou mais. O menino terminou ficando defeituoso.

Vendo o que aconteceu, a Mucura-gente ficou desesperada:

— Você é o culpado! Você estragou o nosso filho! Não avisei que você não podia nos espiar?



- (1) Não sabe, depois o Sr. F. desce a floresta que vai dar no aldeia de Branco, Minas, onde o Sr. F. nasceu e vive.
- (2) Pinta da qual se extraíram os pigmentos usados pelos indígenas na pintura corporal.

A preguiça avó da gente

A Preguiça Avó da Gente

Uma mulher que não tinha onde morar entrou com a filhinha pequena numa casa abandonada e decidiu ficar. Arrumou aqui, arrumou ali, arranjou uma rede, deitou a filhinha e foi pegar Rãs na beira do rio para o jantar. Tão preocupada estava que nem notou que na cumeeira vivia uma Preguiça já muito velha. E tão logo a mãe saiu a Preguiça desceu e foi tomar conta da nenê. Balaçando a rede para que ela dormisse, começou a cantar:

— Hã hã hõ, hã há hô, descendo o rio, (1) você será dona de lojas e de muitas coisas bonitas; **subindo o rio**, será dona de canoa e de lindos enfeites de penas de Arara, de muito **caraiuru**. (2)

A mulher, com receio de que algum bicho pudesse fazer mal à sua filhinha, resolveu voltar do meio do caminho e dar uma olhada na rede. E ficou feliz e surpresa quando viu a Preguiça ninando a nenê como se fosse a sua própria filha.

Dizem que a Preguiça é avó da gente.

(1) No caso, descer o rio é descer o rio Negro que vai dar na aldeia de branco, Manaus; subir o rio é ir em direção à floresta.

(2) Planta da qual se extrai matéria corante usada pelos indígenas na pintura corporal (*Arrabidaea chica* HBK).

O Tamanduá Adivinhador

○ Tamanduá, bom adivinhador, costuma dizer:

– Quando o dia amanhecer com o céu limpo e bonito, não devemos ir muito longe, porque, quando de manhã é lindo, à tarde chega o tempo ruim; quando amanhecer chovendo, podemos ir bastante longe, porque, à tarde, o tempo será propício.

A Gratidão da Arraia Grande

Lembram os antigos que uma vez a Arraia Grande agarrou-se na barriga da Anta que estava atravessando o rio, a nado, e, assim agarrada, passeou pelo mundo inteiro. Um dia, porém, perdeu as forças, murchou e caiu no chão. Nisso apareceu um homem, e ela, numa situação de desespero, suplicou:

– Leve-me, por favor, até a beira do rio.

O homem, horrorizado, respondeu:

– Eu te carregar? Eu vou é te matar, já e já!

– Não faça isso, primo querido – insistiu a Arraia – Leve-me nas costas até a beira do rio!

Diante daquela agonia, o homem concordou:

– Vamos logo . . . Desta vez eu te carrego.

Aí colocou-a nas costas, foi até a beira do rio e na hora de jogá-la n'água, recomendou:

– Nunca mais te metas num abacaxi desse! Avisa também a teus parentes!

Em consideração a isso, as Arraias Grandes não se agarram mais na gente quando estamos no rio pescando ou tomando banho!

O Bacuri¹ e os Acarazinhos²

Um dia, os filhos do Bacuri estavam muito tristes comendo uns peixinhos miúdos quando a Lontra grande chegou e ficou espiando. O Bacuri, muito gabola e querendo passar por um pescador marupiara que só pega peixe grande, disse para os filhos e fazendo também com que a Lontra grande ouvisse:

— Comam devagarinho para não se engasgarem . . . Esses Aracus(3) são muito bons mas têm muitas espinhas . . .

A Lontra grande notou a fanfarronice do Bacuri e disse, rindo-se:

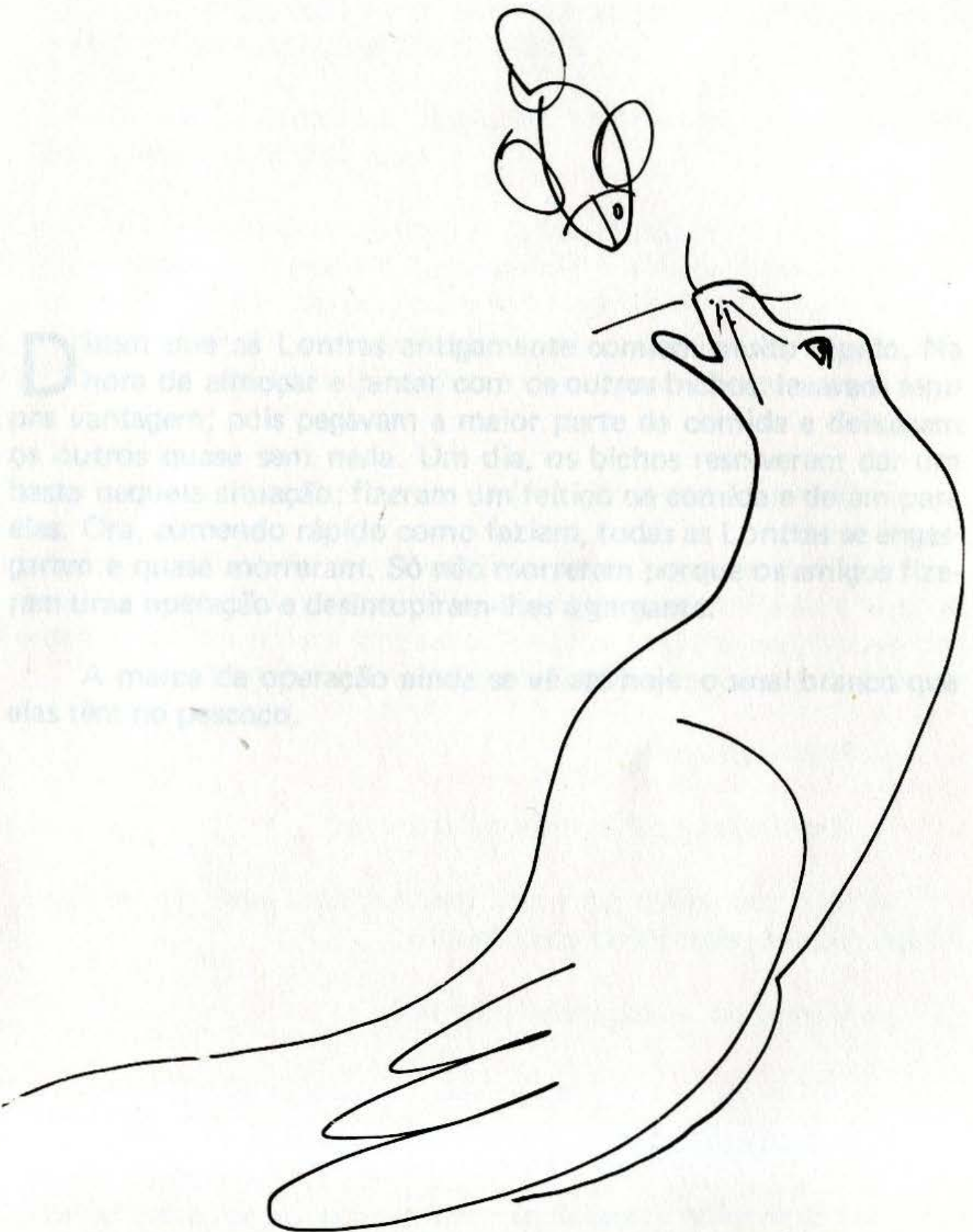
— Que Aracu que nada, esses peixes são uns Acarazinhos . . . Onde se viu Bacuri pegar Aracu?

(1) Lontra pequena.

(2) Nome genérico de vários peixes de água doce, da família dos ciclídeos. O mais comum é o *Geophagus Brasiliensis* Quoy & Gain.

(3) Designação a vários peixes de água doce, da família dos caracídeos. Sinônimos: **piaba** e **piava**.

O Sinal Branco da Lontra



Desta maneira as Lontras antigamente dominavam o rio. Na hora de atacar e captar com os outros bichos, elas tinham uma vantagem; pois pegavam a maior parte da comida e deixavam os outros quase sem nada. Um dia, os bichos resolveram dar um jeito nisso e fizeram um tratado de comércio e de paz com elas. Ora, andando rápido como faziam, todas as Lontras se empolgaram e quase morreram. Só não morreram porque os antigos fizeram uma operação e desentupiram o rio.

A marca da operação ainda se vê até hoje: o sinal branco que elas têm no pescoço.

O sinal branco da Lontra

- (1) Letras antigas.
- (2) Notas gerais de vários países de todo o mundo, de forma geral.
- (3) Descrição e vários países de todo o mundo, de forma geral.

Quando se trata de letras antigas, a primeira coisa que se deve fazer é estudar a história da escrita. A fonte grande, por exemplo, é uma das mais antigas e é muito utilizada. A fonte grande é uma das mais antigas e é muito utilizada. A fonte grande é uma das mais antigas e é muito utilizada.

O Brasil é um país muito grande e muito bonito. O Brasil é um país muito grande e muito bonito. O Brasil é um país muito grande e muito bonito.



O Sinal Branco da Lontra

— Chega, chega! Você sabe que quando eu fui ao rio com o pescoco e o nariz, foi assim.

— Não se preocupe, primo, eu vou dar um jeito e você ficará com o linus no devido lugar.

Aí, vingando-me de que o Sarapó havia feito com os seus filhos, pegou um machado bem grande e lhe abriu um buraco com tanta força que deixou o Sarapó desmaiado por horas e horas.

Dizem que as Lontras antigamente comiam muito rápido. Na hora de almoçar e jantar com os outros bichos, levavam sempre vantagem, pois pegavam a maior parte da comida e deixavam os outros quase sem nada. Um dia, os bichos resolveram dar um basta naquela situação: fizeram um feitiço na comida e deram para elas. Ora, comendo rápido como faziam, todas as Lontras se engasgaram e quase morreram. Só não morreram porque os amigos fizeram uma operação e desintupiram-lhes a garganta.

A marca da operação ainda se vê até hoje: o sinal branco que elas têm no pescoço.

— Primo, como vai?

— Regular, e você? — respondeu Sarapó.

— Vim convidá-lo para uma pescaria num lugar que só eu conheço. Vamos pegar Peixe como nunca.

— Vamos lá! — respondeu o Sarapó.

(1) Fruta de amêndoas amarga e tida como venenosa, quando fresca; os índios chamam-na cozida (Curatira saporosa Baill.).

(2) Peixe de água doce, de corpo alongado, comparável a uma taca de ponta (Gimnotidae).

(3) Instrumento de sopro (flauta de fã). Também chamado carico.

O Cunuri¹ Gente e o Sarapó²

○ Cunuri voltou da roça e encontrou os filhos desmaiados. Vendo aquilo, imaginou logo que era vingança do Sarapó, e berrou:

— Esse malvado vai me pagar!

Partiu direto para a casa do Sarapó, mas não conseguiu chegar lá, pois a casa estava protegida por um espinheiral terrível. Só chegou depois que pediu às amigas Saúvas para abrir o caminho. Bateu na porta e apareceu o Sarapó tocando **cariço**. (3) Aí ele disse:

— Primo, como vai?

— Regular, e você? — respondeu Sarapó.

— Vim convidá-lo para uma pescaria num lugar que só eu conheço. Vamos pegar Peixe como nunca.

— Vamos lá! — respondeu o Sarapó.

(1) Fruta de amêndoa amarga e tida como venenosa, quando fresca; os índios comem-na cozida (*Cunurea spruceana* Baill).

(2) Peixe de água doce, de corpo alongado, comparável a uma faca de ponta (*Gimnotídeos*).

(3) Instrumento de sopro (flauta de Pã). Também chamado carriço.

Conseguiram realmente muito Peixe e comeram à vontade. O Cunuri, porém, continuou insistindo para que o primo comesse mais e mais. O Sarapó então explicou:

— Chega, chega! Você sabe que quando alguém como eu tem o ânus no pescoço o negócio fica sério.

— Não se preocupe, primo, eu vou dar um jeito e você ficará com o ânus no devido lugar.

Aí, vingando-se do que o Sarapó havia feito com os seus filhos, pegou um espinho bem grande e lhe abriu um buraco com tanta força que deixou o Sarapó desmaiado por horas e horas.

O Sarapó Comedor de Cará¹

Volta e meia, o tal do Sarapó grande faz uma das suas. Um dia, uma mulher levou os filhinhos para a roça e quando eles começaram a chorar de fome ela pensou em assar uns carás na coivara.⁽²⁾ Preparou o fogo, pôs os carás em cima e, enquanto assavam, afastou-se um pouco para arrancar mais mandioca. Momentos depois, gritou para os meninos:

— Venham comer que o cará já deve estar bom!

Os meninos chegaram correndo, mas quando a mulher foi ver o fogo não encontrou mais nem o cheiro do cará, nem nada. Um atrevido qualquer tinha passado por lá e, vendo os carás assadinhos, não teve dúvida em roubá-los.

Nervosa com a fome dos filhos, a mulher teve outra idéia: como por perto passava um igarapé,⁽³⁾ por que não tinguijar⁽⁴⁾ um pouco? Aí cortou uns ramos de timbó⁽⁵⁾ e lá se foi. Ora,

-
- (1) Tubérculo comestível também conhecido por **inhame-da-china** (*Dioscoreáceas*).
 - (2) Restos ou pilhas de ramagens não atingidas pela queimada, na roça, à qual se deitou fogo, e que se juntam para serem incineradas para limpar o terreno e adubá-lo com as cinzas.
 - (3) Canal natural, estreito, entre duas ilhas, ou entre uma ilha e a terra firme.
 - (4) Pescar envenenando a água de um rio ou de uma lagoa com **tingui** (**timbó**) para apanhar peixe com mais facilidade.
 - (5) Designação comum a plantas, basicamente leguminosas e sapindáceas, que induzem efeitos narcóticos em peixes e, por isso, são usadas para pescar (*Magonia pubescens*).

quando o **timbó** começou a fazer efeito, adivinhem quem veio logo à tona com uma enorme barriga? O Sarapó! A mulher ficou espantada:

— Que diacho esse bicho comeu para ficar assim?

Quando abriu o bucho do Sarapó, lá estavam os carás roubados!

O Carangueijo e o Cunuri

Uma vez, o Carangueijo achou no mato uma fruta chamada cunuri e lhe perguntou se ela já estava boa para comer. A fruta respondeu:

— **Cároro, (1) cároro, cároro.**

No dia seguinte, bem cedinho, ele voltou e tornou a perguntar. A resposta foi a mesma. Ele continuou insistindo, insistindo, até que um dia a fruta ficou calada. Era o sinal de que já havia escoado o veneno e de que estava "no ponto". Aí ele ficou feliz e foi convidar o primo Sapo:

— Primo, achei uma coisa muito gostosa, venha comê-la comigo.

O Sapo foi e, quando viu o cunuri, perguntou:

— Você já se esqueceu de que eu não tenho dentes para mastigar esta fruta?

Confortou-o, então, o Carangueijo:

— Não se preocupe. Se é assim, eu mastigo primeiro e você só faz engolir.

(1) Som onomatopaico que, segundo os Tukano, até as frutas podem emitir para avisar que ainda não estão boas para comer.

Ouvindo isso, o Sapo comentou:

— Obrigado, primo, mas a sua boca não tem cheiro muito agradável.

Depois dessa, acabou-se a amizade entre os dois . . .

O Sarapó e o Jandiá¹

Um belo dia, não é que o Sarapó entrou na casa do Jandiá, brabo e ameaçando o companheiro! Sem mais nem menos, foi chegando e dizendo:

— É você que anda soltando uns traques por aí? Olhe que eu lhe dou uma surra, seu mal-educado!

O Jandiá não gostou da conversa e respondeu aborrecido:

— Que é isso, não é você que tem o ânus no pescoço, bem embaixo do nariz? Eu pelo menos tenho o ânus no lugar onde a natureza marcou.

A verdade é que o Sarapó costuma soltar os seus traques sem muita consideração pelos outros.

(1) Espécie de bagre, também chamado **jundiá** e **nhandiá** (*Pimelodídeos*).

A Piraíba¹ e o Daguiru²

Contam que o Daguiru perguntou à Piraíba:

— O que é que você fez para ficar tão gorda assim?

— Ora, primo, como bastante.

— Obrigado pela indicação. Vou fazer a mesma coisa.

O Daguiru comeu, comeu, e nada de ficar gordo. Aí falou outra vez com a Piraíba.

— Fiz como me disse e cadê a gordura?

A Piraíba observou:

— Eu como, mas não é como você faz. Toda manhã, ao levantar, eu vomito para purificar o meu estômago.

— Ah, isso não é comigo — disse o Daguiru.

E safou-se escondendo-se debaixo da folhagem.

(1) Peixe da família dos pimelodídeos, o maior peixe de couro do Brasil, chegando a medir 3 metros e a pesar acima de 150 quilos. A lenda é a de que a piraíba engole crianças e ataca pessoas adultas (*Brachyplatistoma filamentosum* Lich.).

(2) Peixe da família dos doradídeos, de carne comestível mas pouco apreciada; alimenta-se de lama. Sinônimos: **cuiú-cuiú**, **iuiú**, **quiriquiri** (*Oxidoras kneri* Bleek).

A Pirarara¹ Bêbada

Naquela noite um pescador saiu de casa disposto a pegar uma porção de peixe. Arranjou um bom lugar na ribanceira, preparou o anzol e a isca e jogou n'água. Nenhuma mordida. Jogou a linha para o outro lado, e nada. Já era de madrugada e, de peixe, nem o cheiro. Cansado de tanto esperar, de vez em quando ele se perguntava:

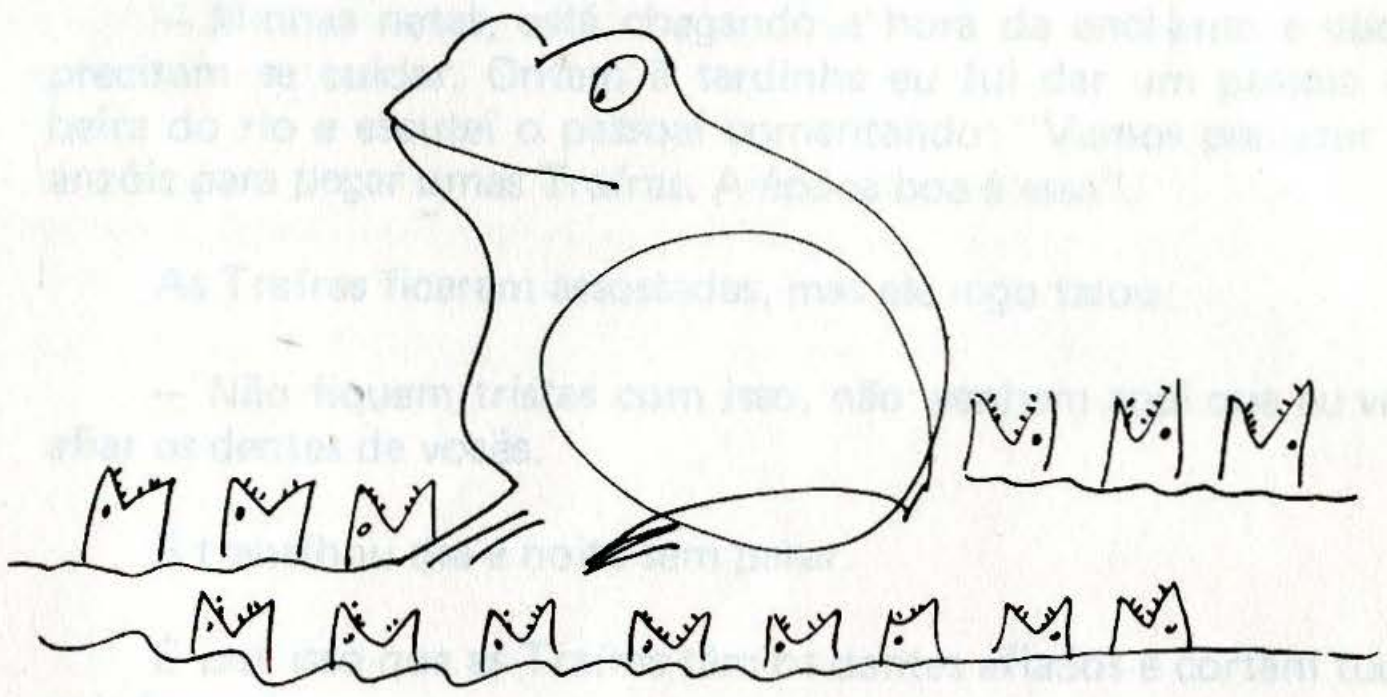
— Que está acontecendo comigo? Esse ponto é muito bom, sempre peguei muito peixe aqui, por que esse azar todo hoje?

(É que ele não se lembrou que o rio estava enchendo e que os peixes estavam em festa. Por isso é que nenhum deles abocava a isca).

Apesar disso não desanimou, continuou pescando. De repente, sentiu um forte arranque. Com medonho esforço, puxou a linha e trouxe um peixe enorme para terra. Era enorme mesmo, era uma Pirarara! Com muito sacrifício, conseguiu colocá-la dentro da canoa. Mas, depois de alguns minutos, não é que a danada começou a vomitar, desprendendo um cheiro horrível de **caxiri!**

Foi aí que o pescador se lembrou que aquele dia era dia de festa dos Peixes e que muitos deles tinham bebido muito e ainda estavam de ressaca . . .

(1) Peixe de couro, de corpo grosso e que chega a atingir metro e meio de comprimento. Temido por crianças e adultos. Sinônimos: **uarara**, **cajaro** e **laitu** (*Phractocephalus hemiliopteros* Schn.)



O avô das Traíras

o facto de se tratar de um peixe de água doce, e não de água salgada, e a possibilidade de se encontrar este peixe em qualquer localidade de água doce.

estavam de mais. Foi o que o pescador se lembrou que adunha que se...

com o mesmo, depois de um tempo não voltou de estar com o mesmo, depois de alguns minutos, não é que a água...

que a água não estava quente para beber, e a água não estava...

que a água não estava quente para beber, e a água não estava...

que a água não estava quente para beber, e a água não estava...

que a água não estava quente para beber, e a água não estava...

O Avô das Traíras¹

Dizem que o avô das Traíras é o Sapo. Muito zeloso, sempre que ele vê qualquer perigo previne logo as netinhas. Um dia, avisou:

— Minhas netas, está chegando a hora da enchente e vocês precisam se cuidar. Ontem à tardinha eu fui dar um passeio na beira do rio e escutei o pessoal comentando: “Vamos preparar os anzóis para pegar umas Traíras. A época boa é essa”.

As Traíras ficaram assustadas, mas ele logo falou:

— Não fiquem tristes com isso, não: venham aqui que eu vou afiar os dentes de vocês.

E trabalhou dia e noite sem parar.

É por isso que as Traíras têm os dentes afiados e cortam tudo que é anzol.

(1) Peixe da família dos caracídeos, de coloração quase preta, flancos pardos-escuros, abdome branco, manchas escuras irregulares pelo corpo. dentes cortantes, carnívoro. Chega a atingir 40 cm. Sinônimos: **dorme-dorme**, **maturaquê**, **robafo**, **rubafó** (*Hoplias malabaricus* Bloch).

O Tempo e o Besouro Serrador

Para se adivinhar se o verão vai ser forte ou não, basta reparar a qualidade de árvore que serra o tal de Besouro; se ele serrar galhos de árvores resistentes, como, por exemplo, galhos de uacu, (1) é sinal de verão forte; se serrar árvores sem nenhuma resistência, como, por exemplo, galhos de ingazeira, (2) é sinal de verão de curta duração.

(1) Árvore da família das leguminosas, de grande porte, cuja semente, de cerca de 3,5cm de diâmetro, fornece óleo comestível e pode ser comida assada ou cozida (*Monopteryx uacu*).

(2) Árvore da família das leguminosas, cujos legumes (ingá) são aromáticos e comestíveis. A casca das ingás, adstringente, é utilizada em curtumes (*Inga capuchoi*).

O Desespero do Calango

Contam que o Calango, no tempo de inverno, não tem coragem de sair de sua moradia para procurar comida. Fica sempre pensando:

— Será que com toda esta chuva e frio não vou apanhar alguma doença feia?

E passa um dia, passa outro, até que, desesperado e faminto, mete os dentes nele mesmo, morde-se todo e morre.

O Calango e as Mulheres

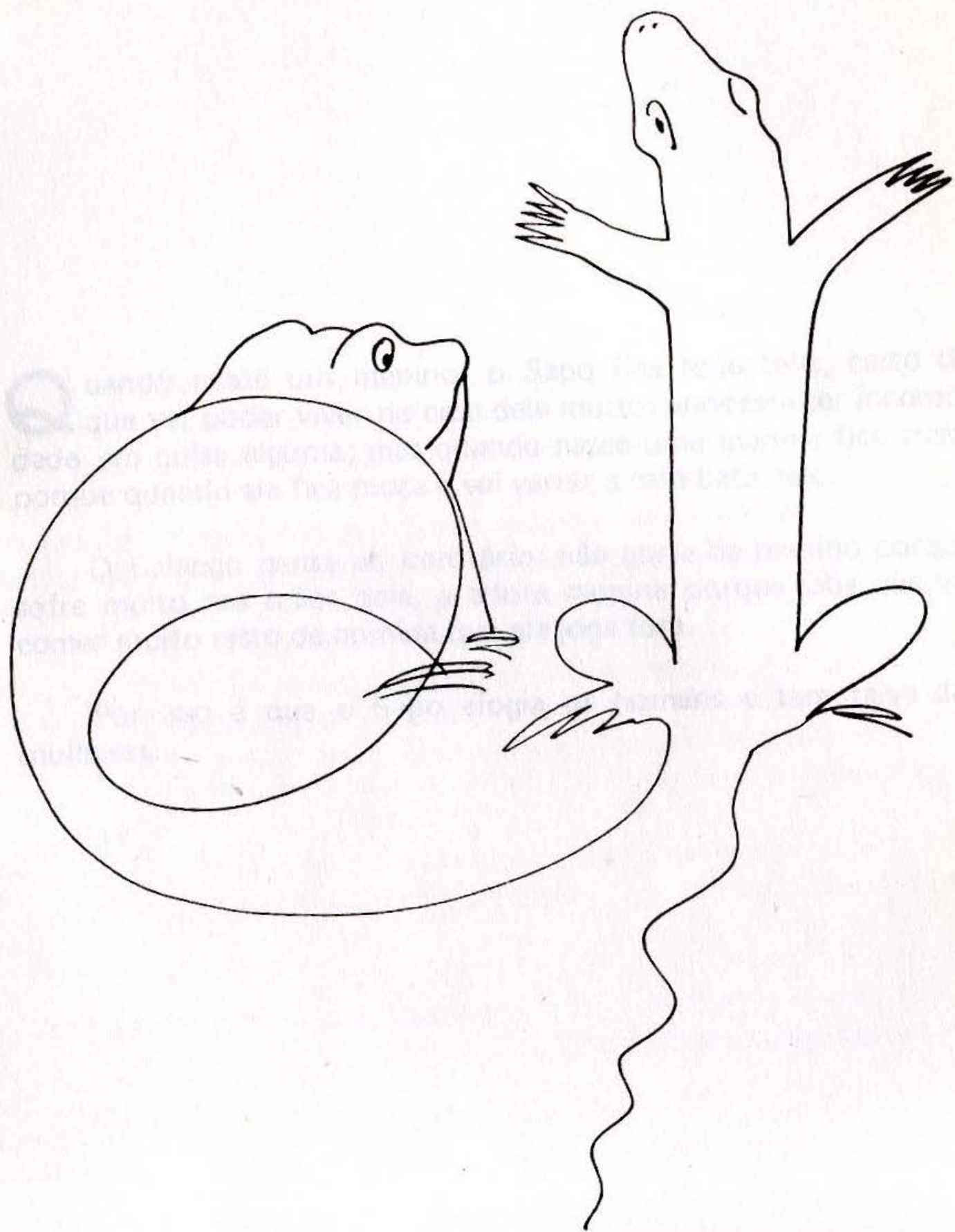
○ Calango gosta muito de passear perto das **coivaras** que as mulheres fazem na roça. Mas é um passeio muito perigoso, pois o Gavião está sempre voando por ali e quando avista o pobre do Calango se lança em cima dele para comer. E que faz então o Calango quando sente o perigo? Ora, corre depressa e se esconde debaixo dos paus das coivaras. Quando encontra um bom esconderijo agradece à mulher que fez a **coivara**:

— Você vai ser feliz a vida toda.

Mas, quando não encontra logo o esconderijo, fica brabo e se queixa da mulher.

(1) Arvore da familia das leguminosas, de grande porte, com sementes
cerca de 3,5cm de diametro, fornecedor de madeira para a fabricacao
de instrumentos musicais (tambores).

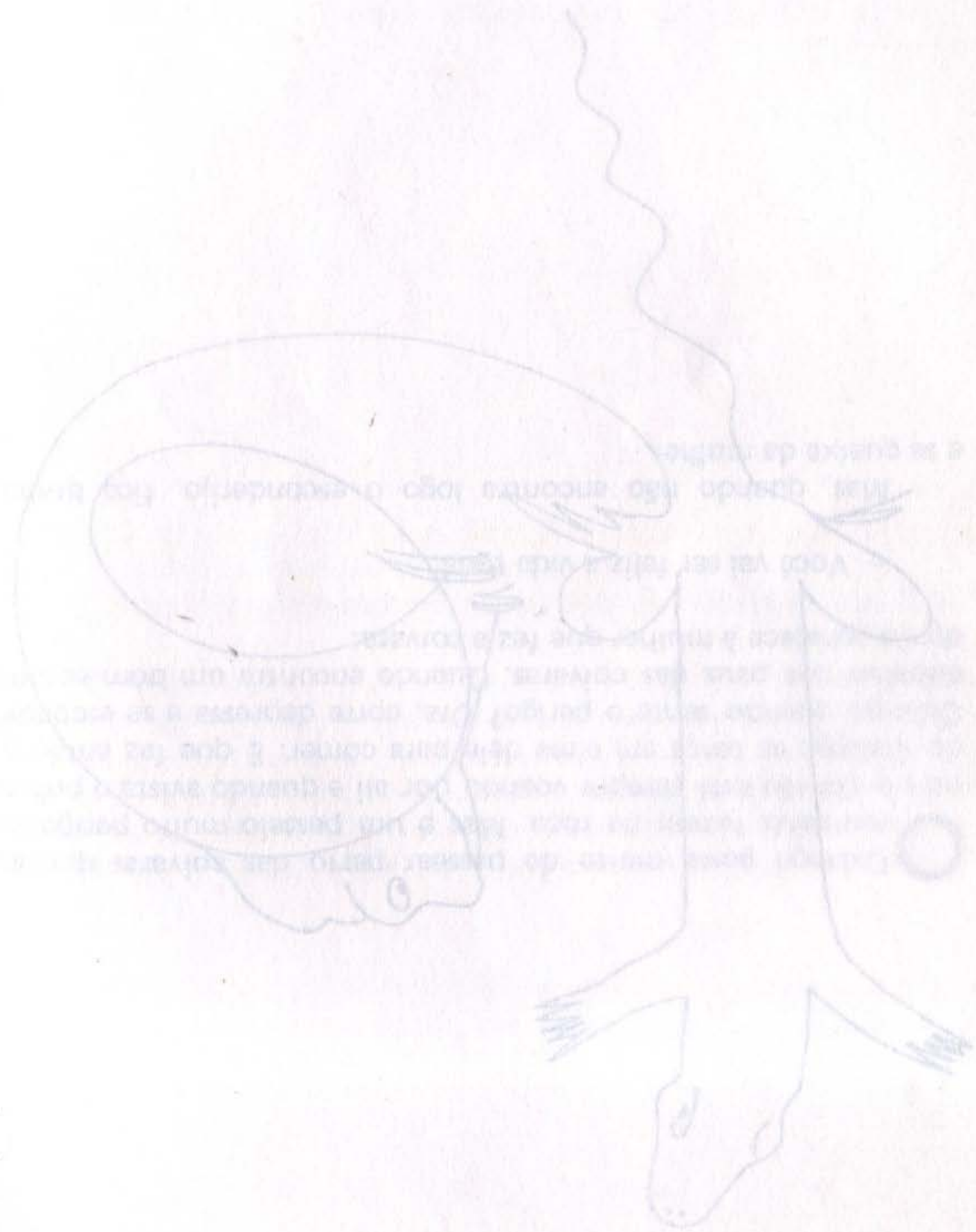
(2) A parte da familia das leguminosas, de porte pequeno, com sementes
de 1,5cm de diametro. A madeira é utilizada para a fabricacao de
instrumentos musicais.



O Calango e o Sapo

104b

O Caramelo e o Zébo



O Calango e o Sapo

Quando nasce um menino, o Sapo fica todo feliz, certo de que vai poder viver na casa dele muitos anos sem ser incomodado em coisa alguma; mas quando nasce uma menina fica triste porque quando ela fica moça e vai varrer a casa bate nele.

O Calango pensa ao contrário: não gosta de menino porque sofre muito nas mãos dele, e adora menina porque sabe que vai comer muito resto de comida que ela joga fora.

Por isso é que o Sapo elogia os homens e tem raiva das mulheres.

O Escaravelho e seu Petisco Preferido

○ Escaravelho disse à mulher:

— Vá embora, mulher, está na hora de você ir para a roça.

Ela, obediente, foi. Vendo-se sozinho em casa, ele não teve dúvida: começou a comer o esterco que havia guardado escondido, o seu petisco preferido.

A mulher, porém, voltou antes da hora para pegar o aturá que havia esquecido. Ao entrar em casa, surpreendeu o marido comendo esterco. Assim que ele a viu, disse envergonhado, desculpando-se:

— No tempo em que eu vivia com a minha mãe, ela não esquecia nada quando ia à roça, levava tudo: aturá, terçados, fogo . . .

A mulher também ficou envergonhada, mas compreendeu que aquela era a sina do marido.



Os marimbondos e o menino preguiçoso

Os Marimbondos e o Menino Preguiçoso

Era uma vez um menino muito preguiçoso. Quando a mãe dizia "meu filho, vamos trabalhar na roça", ele chorava, chorava para não ir. Mas um dia teve que ir. Quando chegou lá, os Marimbondos deram-lhe tantas ferroadas que ele desmaiou. E enquanto ele gemia de dores, a mãe dizia:

— Viu, este é o castigo que os Marimbondos dão para quem vem trabalhar de má-vontade na roça.

A Rã Enfeitiçada

○ tal do demiurgo fracassado chegou um dia na casa de uma senhora chamada Amokhó e começou a destrata-la o tempo todo. Lá pela meia-noite, Amokhó, farta de tantos desacatos, tirou escondido a bola de ipadu(1) que tinha na boca e transformou-a numa Rã, chamada Pacarã, para conseguir, por meio dela, livrar-se do hóspede inoportuno.

— Já que você não está com sono, vá pegar aquela Rã que está coaxando ali no rio — disse-lhe Amokhó.

— Vou, sim — respondeu ele.

Aí o demiurgo acendeu o turi,(2) foi até o rio e lá topou com a Rã. Mas, assim que tentou pegá-la, não é que ela deu um golpe rápido e atirou-o em cima de uma pedra!

Só então foi que o demiurgo, todo arrebetado e cheio de dores, percebeu que aquela Rã não era um ser igual aos outros, era um ser enfeitiçado por Amokhó.

(1) Planta também conhecida como coca, de propriedades medicamentosas, e cujo princípio ativo é um alcalóide: a cocaína. (*Erythroxylum coca* Lamk).

(2) Madeira ignígera, um tanto resinosa, com a qual os indígenas fazem seus fachos e tochas (*Licania sp*).

O Casal de Sapos

Um casal de sapos vivia tranqüilamente numa casa abandonada. De repente, chegou uma família com homem, mulher e filhos para passar a noite. Arruma aqui, arruma ali, na hora da faxina encontraram a mulher do Sapo e começaram a bater nela com a vassoura. Depois, não satisfeitos ainda, atiraram a bichinha no lixo.

À tardinha, o Sapo voltou do rio e chamou do portão:

– Meu bem, venha buscar os peixes que eu peguei para nós!

A mulher respondeu com a voz fraquinha:

– Não posso mais andar. Chegaram umas pessoas malvadas aqui, quebraram as minhas pernas e me jogaram no lixo.

O Sapo, revoltado, perguntou:

– Quem foi o atrevido que teve a coragem de fazer isso com você? Por que não vem bater em mim?

Aí pegou o machado e entrou em casa disposto a liquidar quem encontrasse pela frente. O pessoal, quando viu o Sapo danado da vida e com o machado na mão, fugiu amedrontado e foi passar a noite na escuridão da mata.

O Tamacuaré¹ e o Fim do Mundo

Estavam todos os répteis reunidos numa casa, chamada casa do sol, preparando uma grande festa, quando o chefe falou:

— Minha gente, vamos para o mato buscar comida para o **dabacuri**.⁽²⁾

Todos concordaram e se prepararam para sair. Menos o Tamacuaré, que nem fez caso do pedido do chefe e disse:

— Eu não vou, não, que não sei trepar em árvore.

Percebendo que ele estava com preguiça e não queria trabalhar como os outros, os companheiros resolveram pregar uma peça:

— Ei, moço, olhe que o mundo está para acabar. Está chegando um grande furacão que vai arrasar com todos nós.

— Vocês pensam que me metem medo? — respondeu o Tamacuaré — Se vier o furacão, vocês que se danem porque eu vou mergulhar no rio.

(1) Lagarto cujo comprimento varia de 25 a 30cm. Cor verde-branca, crista dorsal pequena e denteada. Também **tamacoaré**, **taquaré**, **tamaquaré**, **tacuaré** (*Enyalius*).

(2) Festa profana em que os clãs e/ou tribos convidados trazem juntos peixes ou outros bens oferecidos aos hospedeiros. Sua função é aproximar grupos que partilham de padrões culturais comuns. O mesmo que **dabucuri**.

Aí os companheiros disseram:

– O rio vai ficar quente, vai pelar todo mundo. Você não vai poder se esconder em lugar nenhum.

O Tamacuaré desatou a chorar e não houve nada que o fizesse parar.

O Tamacuaré e os Marimbondos

Certo dia, o Tamacuaré chegou contando lorotas em casa dos Marimbondos:

– Tudo bem, queridos primos?

E se fazendo de amigo:

– Olhem, tomem cuidado que vai chegar gente malvada aqui para destruir a vida de vocês!

Acontece que a “gente malvada” a quem ele se referia era ele próprio. Ainda ficou por ali, disfarçando, depois saiu de mansinho para não ser descoberto, e balançou a árvore onde estava a casa dos Marimbondos até derrubá-la dentro d’água.

E dentro d’água devorou os ovos dos primos que tinha acabado de trair.

O Dono-do-sono

Antes de pegar no sono, nós ficamos bocejando. O filho caçula do dono-do-sono, que está ao nosso lado justamente para nos fazer pegar no sono, se espanta com o nosso abrir de boca e foge com medo para junto do irmão mais velho:

— Eu não vou ficar mais lá, não! Aquele cara é capaz de me dar uma dentada danada com aquela boca enorme. Vá você.

— Está bem, então vou eu. Vou ver se dou um jeito nele e o faço logo pegar no sono — responde o irmão mais velho.

Aí ele vem para perto da gente, mas não consegue nada. Muito pelo contrário. Nós repetimos os bocejos e ele também sai correndo com medo e vai contar ao pai, tal qual o caçula fez com ele. O pai sorri, ouve tudo, tranqüilamente, e diz:

— Está bem, deixa que eu mesmo vou cuidar daquela gente.

Dito e feito: ele vem e quando chega não há mais quem agüente. Mesmo o mais forte pega no sono e dorme até não poder mais.

O Rapaz que não Encontrava Namorada

Era uma vez um rapaz que não tinha sorte para encontrar namorada. Mas, certo dia, ele saiu para apanhar **maniuara**(1) e estava lá no mato entretido com o trabalho quando ouviu um Sapo fêmea coaxando por perto. Aí disse:

— Ah, Sapo, não tenho namorada... Transforme-se em mulher e venha me ajudar!

O Sapo fêmea achou linda a idéia, transformou-se numa bela jovem e perguntou:

— É você que está precisando de mim?

O rapaz, encantado com aquela beleza, respondeu:

— Sou eu mesmo! Venha me ajudar a apanhar **maniuara**!

Depois que apanharam muita **maniuara**, os dois foram para a casa, mas antes de chegar, ele foi avisar à mãe, com quem vivia:

— Mamãe, encontrei uma moça! Ela está esperando lá fora, vá chamá-la, vá!

A mãe foi e chamou-a para casa.

Logo depois os dois se casaram e foram muito felizes.

(1) Espécie de saúva.

A Cobra-de-duas Cabeças

Um dia, a mãe da Cobra arrumou a casa e saiu para o mato para ver se conseguia uma noiva para o filho. Depois de muito andar, atravessando riachos, passando por coivaras e se desviando dos tocos que estavam no chão, encontrou finalmente uma bonita moça. Aí explicou o caso e depois de algum tempo as duas foram para casa. No caminho, a moça não tirava o pensamento da cabeça:

— Como será o meu futuro esposo?

Chegaram em casa, beberam água, descansaram e o noivo não apareceu. O dia inteiro e nada. À noitinha, a sogra armou a rede da moça quase rente ao chão. Ela não gostou e armou mais alto. A sogra reclamou:

— Para que botou alto assim? — e tornou a abaixar.

A moça tornou a não gostar e armou mais alto.

A mãe fazia assim para que a moça pudesse dormir junto com o noivo, pois ele estava lá no chão, escondido embaixo do pote.

No dia seguinte, vendo que as coisas não saíam como ela queria, a sogra resolveu convidar a moça para ir buscar lenha. Pelo caminho, a moça continuou pensando:

— Como será o meu futuro esposo? Onde estará ele?

Nisso, o noivo ia chegando tocando flauta, mas ela nem notou. Ele chegou e foi indo na direção dela, amassando os galhos empurrando o machado. Quando a moça virou, lá estava ele olhando para ela, com um sorriso. Imaginando quem era e indignada com tão descabida pretensão, deu-lhe um golpe de machado e cortou-lhe o rabo.

No lugar do corte, em vez de nascer outro rabo, nasceu outra cabeça. Aí apareceu a Cobra-de-duas-cabeças.

Depois disso, nunca mais no Mato a gente fica cacando
de boas maneiras e a gente se dá ao trabalho de fazer
o mesmo jeito, indo-se dela.

— Depois disso, nunca mais no Mato a gente fica cacando
de boas maneiras e a gente se dá ao trabalho de fazer
o mesmo jeito, indo-se dela.

— Depois disso, nunca mais no Mato a gente fica cacando
de boas maneiras e a gente se dá ao trabalho de fazer
o mesmo jeito, indo-se dela.

— Depois disso, nunca mais no Mato a gente fica cacando
de boas maneiras e a gente se dá ao trabalho de fazer
o mesmo jeito, indo-se dela.

— Depois disso, nunca mais no Mato a gente fica cacando
de boas maneiras e a gente se dá ao trabalho de fazer
o mesmo jeito, indo-se dela.

A Cobra-de-duas-cabeças

Eu gosto de contar histórias de gente que
chegando a estar em certas situações,
(1) Cobra não venenos, de várias cores, que tem a cabeça mais violenta,
mas costuma ser dócil e mansa.

A Cobra e a Mulher Imprudente

Certa vez, uma mulher encontrou uma Cobra chamada "Maxká pinó", (1) um dos seus pratos preferidos. Muito contente, mas imprudente, em vez de matá-la como deveria fazer, só deu uma paulada, pegou-a e botou no cesto. E foi embora para casa pensando no petisco que iria saborear no almoço. Mas, no meio do caminho, a Cobra, que só estava desmaiada, começou a voltar a si e a fazer "sê, sê, sê". A imprudente da mulher não fez caso do perigo e riu-se, dizendo:

— Pode zoar à vontade. Daqui a pouco você estará na minha barriga.

Mas adiante a Cobra zoolou outra vez, e a mulher continuou do mesmo jeito, rindo-se dela.

De repente, a Cobra, saindo do cesto, deu um bote, agarrou a mulher no pescoço e a matou.

Depois disso, nunca mais no mato a gente fica caçando de Cobra desse tipo.

(1) Cobra não-venenosa, de várias cores, que tem a **puçanga** mais violenta, chegando a atrair até pessoas adultas.

A Cobrinha, o Calango e os Meninos

A Cobrinha chamada Nukunané encontrou o Calango e perguntou:

— Primo, você sabe que a vizinha deu à luz. Diga uma coisa: é homem ou mulher?

— É mulher — respondeu o Calango.

— Deveriam enterrá-la logo, porque menina não deixa cair nenhuma migalha no chão, é uma sovina autêntica — comentou a Cobrinha.

Outra vez, o Calango encontrou a Cobrinha e perguntou:

— Prima, você sabe que aquela outra vizinha deu à luz. Diga uma coisa: é homem ou mulher?

— É homem — respondeu a Cobrinha.

— Deviam levá-la logo para a sepultura porque menino é moleque, um dia me flecha sem pena, outro dia parte meu rabo, outro dia me cega — comentou o Calango.

A Cobrinha, porém, observou:

— Eu gosto dos meninos porque quando comem deixam cair sempre restos de comida e eu passo bem.

E o Calango também explicou:

— Eu prefiro cem vezes as meninas porque elas nunca me fazem mal.

O Caxiri da Cobrinha

Um dia, uma mulher estava fazendo caxiri e, enquanto preparava o beiju(1) para misturar com a manicoera,(2) a Cobrinha de casa juntava os pedacinhos que iam caindo no chão. Foi com esses pedacinhos que ela também fez o seu caxirizinho. E, depois, pensou:

— Se eu, que só peguei os restos, fiz dois potes, imaginem o que a mulher não fez!

(1) Bolo de massa de mandioca. Variação: **biju**.

(2) Suco leitoso da mandioca ralada, obtido por compressão. Sinônimos: **manicuera, manipuera, manipueira, água-brava, água-de-goma.**

A Cascavel Grande e a Jararaca Pequena

Um homem ia andando pela estrada e viu a luta entre a Cascavel grande e a Jararaca pequena. E contou assim: a Cascavel grande, a mais venenosa de todas, a tal de diaçó, saiu perseguindo a pequena. Quando estava perto mandou o bote, mas a pequena se desviou e não pegou. Aí, foi a vez da pequena dar o troco: enrolou-se toda, mandou o bote e picou a diaçó para valer.

O tamanho e o veneno da grande não adiantaram nada contra a rapidez e o golpe certo da pequena.

A Muçurana Critica a Cascavel

Contam que a Muçurana disse um dia à Cascavel, a mais venenosa de todas as cobras, chamada diaçó na língua tukano:

— Você só anda a procurar comida sem necessidade; eu, não, só como quando me oferecem.

Ouvindo essa observação, a Cascavel ficou menos agressiva e nos morde somente quando pisamos nela, como costuma fazer a Muçurana.

A Muçurana Defende o Homem Contra a Jararaca

A Jararaca é uma Cobra muito venenosa e malvada que está sempre querendo morder a gente. A nossa salvação é a Muçurana que não é venenosa e que ataca e devora as outras Cobras. Sempre que a Jararaca diz "vou picar aquela pessoa", ela entra na conversa e desaconselha.

— Não, não vá, não, você tem veneno muito fraco. Vou eu que posso matar instantaneamente.

Contente com a desgraça dos outros, responde a Jararaca:

— Se é assim, vá logo que eu fico aqui só ouvindo os gemidos.

Aí a Muçurana vai e fica bem no meio da estrada. Ora, quando as pessoas avistam uma cobra tão grande apavoram e começam a gritar, enganadas:

— Socorro, socorro depressa, uma bruta Jararaca no caminho!

Dado o susto, a Muçurana tinge os dentes com urucu(1) para dar a impressão de sangue e corre para contar à Jararaca:

— Colega, escutou o berreiro?

(1) Fruto do urucuzeiro, vermelho, usado como tinta e tempero de comida. Variação: **urucum** (*Bixa orellana*).

— Ora se escutei, você é mesmo uma cobra de raça. Eu também faço a mesma coisa.

A Muçurana faz assim porque gosta muito da gente e não quer que as cobras nos piquem.

O Tamacuaré e a Surucucu

Um dia, o Tamacuaré foi nadando despreocupadamente e chegou a uma pequena ilha. Assim que começou a descansar na areia, apareceu uma cobra Surucucu e, sem mais nem menos, deu-lhe uma bruta picada. A dor foi tão grande que ele desmaiou e só muito tempo depois é que voltou a si. Aí pensou:

– Vou me vingar: vou dar-lhe uma tremenda cabeçada!

Prometeu e cumpriu: deu uma cabeçada tão grande na Surucucu que ela não resistiu e morreu de verdade.

E, batendo no peito, disse o Tamacuaré vitorioso:

– Eu ganhei porque sou forte e estava com a razão.

– Socorro, socorro depressa, uma bruta Jararaca no caminho!

Dado o alarido, a Muçurana tinge os dentes com urucu (1) para dar a impressão de sangue e corre para contar a Jararaca:

– Colega, escutou o berreiro?

(1) Fruto do urucum, vermelho, usado como tinta e tempero da culinária. Variedade: urucum (Bixa orellana).

O Caçador Desconfiado

— Eu penso que fosse gentil!

A Cobra simplesmente pediu:

— Fica os olhos, rapaz!

E o rapaz, mal deu a primeira piscada, a Cobra se transformou numa linda mulher!

Um rapaz saiu para caçar e encontrou uma enorme Jibóia. Aí, olhou-a e quando quis seguir caminho sentiu vontade de olhá-la de novo. Então, parou, olhou-a de novo e, novamente, quando quis seguir caminho, sentiu vontade de olhá-la mais uma vez. Mas, resistiu e afastou-se.

Por um triz, o pobre caçador salvou-se da **puçanga** da danada da Cobra.

O Rapaz e a Dona do Rio

Era uma vez um rapaz que queria casar mas o pai não se interessava em arranjar-lhe uma noiva. Um dia, desesperado, jogou-se no rio para que a Cobra Grande o devorasse. A Cobra Grande adivinhou porém o sofrimento dele, compadeceu-se e, em vez de o devorar, decidiu ajudá-lo.

Aconteceu assim: tão logo o rapaz se atirou n'água, apareceu um enorme tronco boiando. Atraído não sabe por que, ele subiu no tronco, ficou meio adormecido e quando despertou estava num outro mundo, na entrada da aldeia onde vivia a Cobra Grande. Quando foi entrando, a Cobra se aproximou dele e perguntou:

– O que você veio fazer em minha casa?

O rapaz não soube explicar direito, mas falou no seu desespero por não encontrar uma noiva:

– Estou aqui porque meu pai não quis arrumar uma noiva para mim.

A Cobra Grande, que já sabia da situação, prometeu:

– Eu tenho uma filha, você pode casar com ela.

O rapaz ficou contente e disse:

– Que coisa maravilhosa!

No dia seguinte, a Cobra Grande foi convidá-lo para ver a noiva. Aí ele teve o maior espanto: em sua frente, em vez de uma moça, estava uma enorme Cobra. Não contendo o desapontamento, disse:

— Eu pensei que fosse gente!

A Cobra simplesmente pediu:

— Pisca os olhos, rapaz!

E o rapaz, mal deu a primeira piscada, a Cobra se transformou numa linda mulher!

. . . e aí se casaram, foram felizes e tiveram muitos filhos.

A Falsidade do Boraró¹

Alguns rapazes foram explorar um dia as cabeceiras de um rio para ver se havia sorva.⁽²⁾ De repente, começaram a ouvir uma voz estranha:

– Venham, meus filhos, venham, fiquem à vontade. . . Não tenham medo, não. . .

Eles desconfiaram e disseram:

– Essa não é a voz do Boraró?

O Boraró é um duende do tamanho de um homem corpulento. Quando está sem um roupão enorme, é como gente, mas quando está vestido com um roupão enfeitiçado é muito perigoso.

Aí um dos rapazes falou:

– Vamos embora, minha gente, esse Boraró está querendo nos atrair com essa vozinha mansa e depois vai nos devorar.

Aí o grupo deixou a sorva para outra vez e voltou depressa para contar aos parentes mais uma falsidade do Boraró.

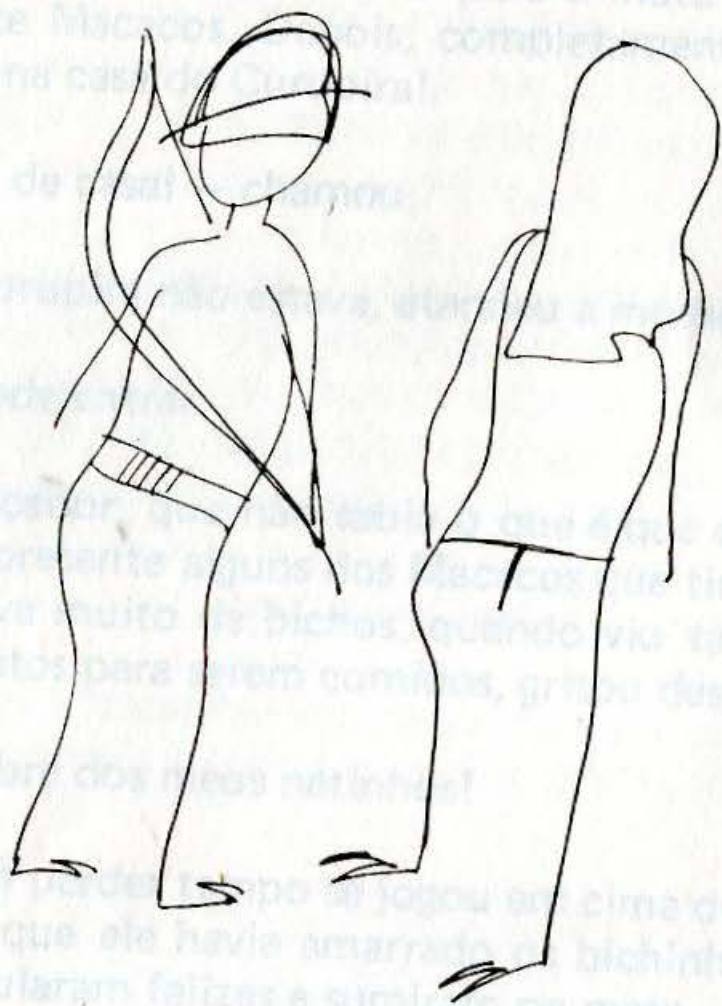
(1) Espécie de duende cujo poder de castigar os violadores da natureza está no roupão ou na pele com que se veste.

(2) Fruto comestível da sorveira, árvore da família das apocináceas (*Couma guianensis*).

A Mulher do Curupira e os Macacos



Um dia, um caçador saiu para o mato e conseguiu pegar bastante Macacos. Depois, completamente distraído, não se deu ao trabalho de bater na casa do Curupira.



O caçador chegou em casa e encontrou a mulher que gostava muito de bichos quando viu tantos Macacos amarrados e prontos para serem comidas, ficou desesperada!

— Pobre dos meus netinhos!

E sempre que jogou o jogo do curupira e desatou o cinto com que ele havia amarrado os bichinhos. Num instante, os Macacos pularam felizes e sumiram no mato.

Quando a fome que tinha dado, o caçador saiu comendo feliz e contente.

(1) São micolódicos indígenas. Popular no folclore de todo o Brasil. É a prole dos cacis e dos macacos. É de um menino e um de um cachorro.

A Mulher do Curupira¹ e os Macacos

Um dia, um caçador saiu para o mato e conseguiu pegar bastante Macacos. Depois, completamente distraído, não é que foi bater na casa do Curupira!

— Ô de casa! — chamou.

O Curupira não estava, atendeu a mulher:

— Pode entrar.

O caçador, que não sabia o que é que estava fazendo ali, ofereceu de presente alguns dos Macacos que tinha caçado. A mulher, que gostava muito de bichos, quando viu tantos Macacos amarrados e prontos para serem comidos, gritou desesperada:

— Pobre dos meus netinhos!

E sem perder tempo se jogou em cima do caçador e desatou o cipó com que ele havia amarrado os bichinhos. Num instante, os Macacos pularam felizes e sumiram no mato.

Vendo o fora que tinha dado, o caçador saiu correndo feito um doido.

(1) Ser mitológico indígena. Popular no folclore de todo o Brasil. É o protetor das caças e dos animais indefesos. Vive no corpo de um menino e tem os calcanhares voltados para a frente, e os dedos para trás.

O Curupira Enraivecido

Um rapaz, para bancar o valente, começou a dizer que não tinha medo de ninguém, sequer do Curupira.

— Se eu o encontrar, sou capaz de matá-lo! — vivia se gabando.

Um belo dia, o valentão saiu para pescar, realmente disposto a enfrentar o Curupira. Ora, não precisou esperar muito. Mal tinha arpoado uns peixes, ele apareceu. O rapaz então pegou o arpão e atacou. Mas quando estava lutando e querendo pegá-lo, o bicho foi crescendo, crescendo de tamanho, e ficou enorme. Aí levantou o coitado por cima dos galhos de uma ingazeira que estava perto, deu-lhe uma pisa(1) bem grande e foi embora.

Só depois foi que o rapaz conseguiu recuperar a voz e chamar os parentes para acudi-lo. Foi encontrado quase morto.

(1) Surra.

O Pescador Noturno e o Duende

Uma noite, um pescador estava na beira do rio pegando uns peixinhos para comer e, de repente, ouviu o barulho de um duende correndo atrás dele. Só deu tempo dele correr e se esconder na primeira moita que viu. Um Jacaré, que estava perto, também ficou com medo e se meteu num oco de pau dentro d'água. O duende, pensando que ele era o pescador, meteu a mão no oco para pegá-lo. E aí se deu mal: o Jacaré deu uma dentada que ele gemeu de dor:

— Ah! . . . me solte, água danada! — gritou pensando que fosse a água que o estava mordendo.

O pescador, vendo o acontecido, riu à vontade.

O Duende Arranca-olho e os Rapazes

Depois de andarem muito caçando, um grupo de rapazes escolheu um lugar e decidiu pernoitar. Um deles, mais jovem, disse então aos companheiros:

— Olhem, vou dar umas voltas por aí até escurecer.

Começou a andar, e não muito longe topou com o duende arranca-olho tecendo umas cestinhas de **arumã**, (1) e perguntou:

— Ei, o que é que você está fazendo por aqui?

O duende respondeu:

— Nada. . . Só me preparando para arrancar os olhos desses rapazes que vão pernoitar por aí, descuidados.

Depois, arrependido do que disse, deu um conselho:

— Olhe, os que não quiserem perder os olhos que procurem **espata de tururi** (2) e se cubram com ela antes de dormir.

O rapaz voltou depressa para avisar aos companheiros. Eles já estavam cochilando, e quando ouviram a história não fizeram o menor caso. Até disseram:

(1) Planta da família das marantáceas com que se fazem balaios, paneiros, cestos, etc. (*Ischnosphon ovatus*).

(2) Entrecasca de algumas árvores que, pelo entrançado das fibras, se parece com tecido e é utilizada pelos indígenas para fazer sacos, camisas, etc.

— Pode vir o tal do arranca-olho. . . Queremos ver. . .

Por volta da meia-noite, chegou mesmo o duende e arrancou os olhos de todos os que riram dele.

Somente o rapaz que ouviu o conselho voltou salvo para casa.

O Duende Compassivo

Era uma vez um rapaz que vivia coberto de feridas e cansado de ouvir palavras de desprezo, grosserias e desaforos dos parentes. Um dia, não aguentando mais a vida, pediu:

— Já que vocês não me suportam, por favor me deixem na beira do lago onde o duende costuma pegar Tracajás.(1) Assim ele acaba comigo e vocês ficam livres desse peso.

Nem precisou falar duas vezes. Os parentes pegaram-no logo e foram levá-lo à beira do rio.

Na boca da noite, o duende apareceu e deu com o rapaz jogado no chão.

— O que você está fazendo sentado aí? — perguntou.

O rapaz contou.

— Eu estou cheio de feridas e meus parentes me desprezam. Por isso me deixaram aqui para você me devorar.

O duende ficou penalizado e respondeu:

— Ah, é assim? Espera aí que ainda vou pegar uns Tracajás e depois vamos tratar disso.

(1) Espécie de tartaruga muito procurada pelo sabor da carne e dos ovos (*Podocnemis unifilis* Trosch.).

Momentos depois, voltou com o **paneiro (2)** cheio de Tracajás e pôs no chão. Aí, fez uns curativos no corpo do rapaz e, em poucos instantes, deixou-o completamente bom. Depois, disse:

— Agora vá embora, vá visitar os seus parentes.

Ao chegar em casa, todos ficaram maravilhados com a cura do rapaz e pediram-lhe que ficasse. Mas ele preferiu voltar e morar para sempre com o seu benfeitor.

(2) Espécie de cesto.

O Duende e o Menino Desobediente

Certo dia, um homem foi dar uma volta com o filho e topou com o terrível duende que vive trepado nas árvores da floresta e que, naquele momento, estava descansando em cima de uns parasitas:

— Espia lá em cima que duende enorme! — disse baixinho o pai.

O menino olhou e respondeu:

— Ih, papai, vou ver bem de perto . . .

O pai atalhou com firmeza:

— Não faças isso . . . Ele pode te devorar.

— Não tenho medo — continuou o menino.

E tanto teimou que o pai, perdendo a paciência, deixou que ele fizesse o que queria. Aí ele subiu na árvore e, mal alcançou a metade do tronco, o duende, afastando os galhos que encobriam o corpo, agarrou-o com os braços compridos cobertos de visgo e começou a devorá-lo com a boca roliça.

Só se ouviu um grito de desespero:

— O bicho está me devorando!

O pai nada pôde fazer. Em poucos minutos, o duende liquidou o menino desobediente.

O Duende de Olhos Postiços

Contam que um homem fez uma roça e plantou milho. Mas, quando as espigas estavam ficando no ponto de colher, apareceu alguém e começou a roubá-las. Um dia, ficou espiando de longe e não é que descobriu o ladrão? Era o tal duende do mato que tem olhos postiços.

O homem então passou a imaginar como poderia vingar-se do malfeitor. Vê aqui, vê ali, descobriu que o duende tinha uma mania: quando comia, tirava os olhos e colocava no chão. E para que os outros não descobrissem, sempre que os caroços de milho pipocavam no fogo, como se fossem balas, gritava assim:

— Trũ brã! Passou roçando os meus olhos!

Uma noite, o homem se aproximou devagarinho do lugar onde o duende estava comendo pipoca, pegou os olhos e jogou no fogo. Só se ouviu um barulho:

— Poctó!

O duende, pensando que fosse a zoadinha do milho pipocando, disse:

— Trũ brã! Ainda bem que os meus olhos estão bem guardadinhos!

Aí, o dono da roça se afastou ligeiro e, já bem longe, bateu com força nas **sapopemas** (1) das árvores, assustando todo mundo. O duende tentou fugir mas quando procurou os olhos não achou mais.

Daí em diante, só faz cair, rebolar e ficar andando sem rumo pelo mato adentro. E nunca mais foi roubar milho.

(1) Grande raiz tubular que cerca a base do tronco de muitas árvores da floresta pluvial.

O Duende e o Rapaz Invejoso

O duende pescador estava realmente com sorte naquele dia. Era só jogar o anzol e puxar que vinha um belo Peixe. E olhe que o caniço dele era do tamanho de uma braça, e a linha não era maior do que isso.

Um rapaz que estava perto e não conseguia pegar nada, nada, começou a ficar com inveja e pensou:

– Vou mergulhar e roubar aquele caniço e a linha.

Dito e feito: mergulhou e agarrou com força o anzol do duende, mas este, muito rápido, puxou a linha e arrastou-o para terra. O pobre gatuno caiu no chão e desmaiou. O duende quando viu aquele Peixe estranho, disse:

– Que raça de Peixe é essa? Nunca vi igual em minha vida!

Mas não ligou muito para o caso. Arrumou as coisas dele, deixou o Peixe-gatuno para lá e foi tranqüilamente para casa.

O rapaz, passado o susto, levantou-se aos poucos e saiu correndo para casa, jurando nunca mais se meter em tal aventura.

O Duende Reluzente

Um dia, um homem foi tinguijar num riacho e matou um montão de Peixe. De volta para casa, já escurecendo, encontrou um duende sentado, com manchas brilhantes no corpo. Diante de tão estranha visão, murmurou, desconfiado:

— O que será aquilo?

Mesmo assim, continuou caminhando, e se aproximou cada vez mais da visão. Nisso, o duende saltou e tentou pegá-lo, mas errou o pulo e caiu dentro d'água.

Como não sabia nadar, foi um mergulho só, nunca mais apareceu.

O Duende que Teve Medo da Feiúra

Muito tempo depois, o rapaz contou o caso a um companheiro. Os dois riram e resolveram ir ao lugar onde o duende morava. Ainda o encontraram conservado e com a enorme dentuça. O rapaz, pegando o talismã, cortou-lhe os dentes. Aí foi um espanto geral: o duende se levantou de repente e disse:

— Rapaz, você me restituiu a vida. Muito obrigado. Venha comigo à minha casa que lhe darei uma recompensa.

Em casa, o duende cumpriu a promessa:

Um rapaz saiu para caçar e quando estava no mato adentro avistou um duende. Com medo, correu para a beira de um igarapé e mergulhou na água, deixando só o rosto do lado de fora. Aí desamarrou o **quartzo cilíndrico** (1) que estava pendurado no pescoço e pôs na boca até pela metade, dando uma impressão horrível. Quando o duende se aproximou para pegá-lo e deu com aquela cabeça fora d'água, e tamanha dentuça, ficou assustado e começou a falar:

— Andei a vida toda por estas matas, mas nunca vi uma coisa dessa! Que azar será isso?

Sem saber como explicar aquilo, continuou falando:

— Nunca, nunca na minha vida eu topei com um cara tão feio! Estou mesmo de azar . . .

E foi se afastando devagarinho até desaparecer na mata.

O caçador, pendurando de novo o talismã no pescoço, voltou feliz para casa e contou aos amigos e parentes o susto que dera no duende fingindo-se dentuço.

(1) Talismã. Sinal distintivo de chefes indígenas.

O Caçador e o Duende

Um rapaz foi caçar no mato e, surpreendido pela noite, entrou num oco de pau e tratou de dormir. Lá pela meia-noite, apareceu um duende e bateu em cima do pau com força. O rapaz se assustou e gritou. Ouvindo o barulho, o duende entrou no oco para ver o que era. Ao topar com o rapaz, foi logo dizendo:

— Ei, primo, você por aqui?

O rapaz contou que estava passando a noite ali porque não encontrara um lugar melhor.

O duende ordenou:

— Sabe de uma coisa? Estou com fome, quero comer seus dedos.

O rapaz cortou escondido os dedos do Macaco que tinha matado e deu.

Terminando de comer os dedos, tornou a pedir o duende:

— Agora quero o seu coração.

O rapaz deu, como antes, o coração do Macaco, e, por sua vez, também pediu:

— Me dê agora o seu coração. Aqui está o terçado para você abrir o peito.

O duende executou a ordem e morreu.

Muito tempo depois, o rapaz contou o caso a um companheiro. Os dois riram e resolveram ir ao lugar onde o duende morreu. Ainda o encontraram conservado e com a enorme dentuça. O rapaz, pegando o terçado, cortou-lhe os dentes. Aí foi um espanto geral: o duende se levantou de repente e disse:

— Rapaz, você me restituiu a vida. Muito obrigado. Venha comigo à minha casa que lhe darei uma recompensa.

Em casa, o duende cumpriu a promessa:

— Aqui estão todos os meus talismãs. Escolha o que você quiser!

O rapaz escolheu um e, daí por diante, virou um marupiara de primeira!

— Deixem isso comigo, não se preocupem.

Só que elas não contavam com a valentia da mulher, assim que ela viu o perigo, quebrou um galho forte, deu uma pancada violenta na cabeça do duende e o derrubou. Como já estava escuro, os curupiras, lá em baixo, não viram direito quem foi que fez aquilo, e pensando que fosse a mulher, deram-lhe uma boa dentada no chão. Depois, já que perceberam o erro, começaram a discutir entre si.

— Somos mesmo uma infeliz. Anosados os meus o mesmo preço.

(3) - Anosados os meus o mesmo preço.

A Técnica para Lutar com o Duende

Quando a gente luta com um duende, ele se defende imitando tudo o que a gente faz. Se a gente dá nele com um pedaço de pau, ele toma o pedaço de pau e dá na gente. Se a gente bate nele, ele também bate na gente. E se a pancada dele pegar, é morte certa porque ele é muito mais forte e violento.

O único jeito da gente vencer é dando pontapé. Aí ele não tem saída, pois não pode fazer o mesmo que a gente faz: o joelho dele é ao contrário do nosso e os pés são para trás.

A Mulher e os Curupiras

Um dia, uma mulher foi buscar manicoera e quando estava esperando, sentada, chegou uma cuca(1) disfarçada de gente e disse:

— Minha filha, vá arranjar umas folhas para preparar a nossa cama.

A mulher desconfiou daquela voz estranha e, em vez de ir buscar as folhas, o que fez foi trepar numa árvore para se proteger. E fez bem porque logo depois apareceu um bando de curupiras que, assim que a descobriram lá em cima, ordenaram a um duende gorducho que a derrubasse. Ora, o duende não se fez de rogado:

— Deixem isso comigo, não se preocupem.

Só que eles não contavam com a valentia da mulher: assim que ela viu o perigo, quebrou um galho forte, deu uma pancada violenta na cabeça do duende e o derrubou. Como já estava escuro, os curupiras, lá em baixo, não viram direito quem foi que caiu, e pensando que fosse a mulher, deram-lhe uma sova danada no chão. Depois é que perceberam o engano e comentaram, muito tristes:

— Somos mesmo uns infelizes. Acabamos de matar o nosso primo.

(1) Nome de uma das várias espécies de coruja.

O Saci¹ e a Menina Chorona

Todo dia, ao escurecer, o homem botava a filhinha para dormir fora de casa e trancava a porta para não ser incomodado, pois ela chorava a noite inteira. A menina chorava, gritava, mas não tinha jeito, terminava dormindo mesmo no sereno. Uma vez, o pai fez a mesma coisa e logo que fechou a porta não ouviu mais nenhum barulho lá fora. O único barulho que ouvia era o das aves noturnas. De manhã, assim que acordou, abriu a porta para ver a menina. Não achou nada. O lugar onde a tinha deixado estava vazio. Não havia nem sombra dela.

Durante muitos anos, ele ficou procurando e pedindo aos amigos que também a procurassem. Um dia, foi caçar no mato, muito longe, e descobriu o lugar em que ela estava morando. Voltou para casa contente e contou à mulher, que também muito feliz foi visitá-la na manhã seguinte. A menina, que já estava uma moça, morava num oco de pau. A mãe entrou, foi muito bem recebida e até comeu maniara que ela ofereceu. Depois pediu que ela voltasse para casa e ela disse que sim. As duas chegaram em casa à tardinha.

De noite, porém, apareceu o saci à procura da moça. Os pais perguntaram o que ele queria. Ele então disse que há muitos anos tinha encontrado uma menina chorando no sereno e com pena dela levou-a para casa. Lá se casaram. Agora já tinham uma filhinha e por isso ela devia voltar. Os pais da moça não quiseram

(1) Uma das mais populares entidades fantásticas dos indígenas brasileiros e países vizinhos. Sinônimos: **saci-cererê**, **saci-pererê** e **matimpererê**.

deixar que ele entrasse para vê-la, mas ele começou a se lamentar muito e a gritar para a esposa:

— Mãe de Wihi Kancá, venha embora, eu não maltratei você, não bati e não humilhei; eu a tratei bem, vamos embora!

A moça pensou em Wihi Kancá e decidiu voltar com o marido. Os pais ficaram tristes mas terminaram deixando que ela partisse.

O Bicho-de-pé e o Demiurgo

No começo do mundo, o Bicho-de-pé era capaz de matar qualquer um: bastava penetrar no osso das pessoas e pronto. Preocupado com a situação, um dia o demiurgo conseguiu falar com ele e disse:

– Você entra na minha pele e faz tudo o que quiser.

Contente de ter arranjado mais uma vítima, o Bicho-de-pé aceitou logo o convite:

– Pois não. Vou mostrar o lugar onde eu posso causar a dor mais violenta.

Disse e fez. Penetrou na barriga da perna do demiurgo e provocou uma coceira danada, fez muita malvadeza, depois entrou no osso, fez a mesma coisa, e saiu, perguntando ao demiurgo:

– Em que lugar doeu mais: debaixo da pele ou no osso?

O demiurgo respondeu:

– Debaixo da pele.

Por maldade, o Bicho-de-pé só ataca as pessoas debaixo da pele. Só que não sabe que o demiurgo, com pena da gente, o enganou, porque se dissesse que era no osso ele só atacaria no osso e mataria todo mundo.

Glossário

- Acará** — Nome genérico de vários peixes de água doce, da família dos ciclídeos. O mais comum é o *Geophagus brasiliensis* Quoy & Gain.
- Aracu** — Designação de vários peixes de água doce, da família dos caracídeos. Sinônimos: **piaba**, **piava**.
- Arumã** — Planta da família das marantáceas com que se fazem balaios, paneiros, cestos, etc. (*Ischnophon ovatus*).
- Aturá** — Cesto grande e alto que os índios levam às costas suspenso por uma embira passada à volta da cabeça.
- Bacurau** — Ave noturna que canta especialmente nas noites de luar, de plumagem em geral marrom-ferugínea com manchas mais escuras; os ninhos são feitos no chão. Também **curiango**, **ibijau**, **noitibó**, **acurau**, **joão-mede-léguas**, **pinta-cega** (*Nyctidormus albicollis derbyanus* Gould.).
- Bacuri** — Lontra pequena.
- Beiju** — Bolo de massa de mandioca. Variação: **Biju**.
- Boraró** — Espécie de duende cujo poder de castigar os

violadores da natureza está no roupão ou na pele com que se veste.

- Cajubi** — Ave com pele da garganta nua, de coloração azul-escura e parte das coberteiras das asas com pontas pretas. Ave sagrada para muitas tribos amazônicas. **Cajubim, cajubi e cujubim** (*Cracídeos*).
- Calango** — Lagarto que mede até 45cm. Cor marrom, com pintas pretas na região dorsal, abdome branco, tingido de vermelho sob a cauda (*Tropidurus torquatus*).
- Cancã** — Ave falconiforme de coloração preta, abdome, coxas e coberteiras inferiores da cauda branca. **Caracará-preto** (*Ibycter americanus* Bodd.).
- Cará** — Tubérculo comestível também conhecido por inhame-da-china (*Dioscoreáceas*).
- Caraiuru** — Planta da qual se extrai matéria corante usada pelos indígenas na pintura corporal (*Arrabidaea chica* HBK).
- Caraná** — Palmeira de frutos comestíveis e folhas ornamentais, estipe duro e resistente (*Mauritia carana*).
- Cariço** — Instrumento de sopro (flauta de Pã). Também chamado **carriço**.
- Caxiri** — Espécie de bebida obtida pela fermentação da mandioca, milho ou frutas.
- Coivara** — Restos ou pilhas de ramagens não atingidas pela queimada, na roça, à qual se deitou fogo, e que se juntam para serem incineradas para limpar o terreno e adubá-lo com as cinzas.
- Corocoró** — Ave pernalta, de plumagem negra, com bor-

- dados verdes no dorso e na cabeça, azuis nas rêmiges; fronte depenada cor-de-rosa (*Geronticus infuscatus*).
- Cuca** — Nome de uma das várias espécies de coruja.
- Cunuri** — Fruta de amêndoa amarga e tida como venenosa, quando fresca; os índios comem-na cozida (*Cunurea spruceana* Baill).
- Curupira** — Ser mitológico indígena. Popular no folclore de todo o Brasil. É o protetor das caças e dos animais indefesos. Vive no corpo de um menino e tem os calcanhares voltados para a frente, e os dedos para trás.
- Cutiuiaia** — Mamífero roedor de hábitos noturnos, menor do que a cutia. Sinônimos: **cutiaia**, **cotiará**, **acuxi**, **cutia-de-rabo** (*Desyprocta acouchy* Erxl.).
- Dabacuri** — Festa profana em que os clãs e/ou tribos convidados trazem juntos peixes ou outros bens oferecidos aos hospedeiros. Sua função é aproximar grupos que partilham de padrões culturais comuns. O mesmo que **dabucuri**.
- Daguiru** — Peixe da família dos doradídeos, de carne comestível mas pouco apreciada; alimenta-se de lama. Sinônimos: **cuiú-cuiú**, **iuiú** e **quiriquiri** (*Oxidoras kneri* Bleek).
- Demiurgo** — Criatura intermediária entre a natureza divina e a humana.
- Diá Doé** — Traíra-monstro, monstro antediluviano.
- Espata de Tururi** — Entrecasca de algumas árvores que, pelo entrançado das fibras, se parece com tecido e é utilizada pelos indígenas para fazer sacos, camisas, etc.

- Gambá — Mamífero marsupial, de pelos longos, pretos e brancos, hábitos noturnos, e possuidor de glândulas que segregam um cheiro bastante desagradável. Também mucura, sarigüê, saruê, sarigüeia, timbu e cossaco (*Dedelfídeos*).
- Guariba — Designação comum aos símios platirrinos, da família dos cebídeos, gênero *Alouatta*. De coloração escura, caracteriza-se pela maxila inferior barbada e, sobretudo, pelo grito peculiar.
- Igarapé — Canal natural, estreito, entre duas ilhas, ou entre uma ilha e a terra firme.
- Inambu — Ave de cabeça pequena, corpo volumoso, sem cauda, que vive sempre no chão e se alimenta de frutos e sementes. Sinônimos: inamu, inhambu, nhambu, lambu e poranga (*Tinamus* Lath.).
- Ingazeira — Árvore da família das leguminosas, cujos legumes (ingá) são aromáticos e comestíveis. A casca das ingás, adstringente, é utilizada em curtumes (*Inga capuchoi*).
- Ipadu — Planta também conhecida como coca, de propriedades medicamentosas, e cujo princípio ativo é um alcalóide: a cocaína (*Erythroxylum coca* Lamk).
- Jacu — Ave da mata, de corpo mais esguio do que o mutum, e que vive em bandos (*Cracídeos*).
- Jacundá — Peixe pequeno parecido com a traíra (*Ciclídeos*, gênero *Crenicichla* Heckel).
- Japu — Pássaro grande, de bico claro, parte anterior do corpo preta, dorso castanho e penas da cauda amarelas. Seus ninhos são bolsas finas e alongadas, às vezes de um metro de compri-

- mento, dependurados não raro em grande número na mesma árvore (*Psarocolius decumanus* Pall.).
- Jirau** — Armação de madeira usada para guardar panelas, pratos, legumes, frutas, etc.
- Jandiá** — Espécie de bagre, também chamado jundiá e nhandiá (*Pimelodídeos*).
- Lontra** — Animal carnívoro. De cor pardo-cinzenta, um pouco amarelada em baixo. Vem à terra para comer e dormir, passando o resto do tempo nos rios, onde pesca e apanha aves aquáticas (*Lutra paraensis*).
- Maku** — Índio Maku, tribo que habita as margens dos afluentes do rio Uaupés e a margem esquerda do Japurá.
- Manicoera** — Suco leitoso da mandioca ralada, obtido por compressão. Sinônimos: manicuera, manipuera, manipueira, água-brava, água-de-goma.
- Maniuara** — Espécie de saúva.
- Maniva** — Muda de aipim ou mandioca.
- Marianitos** — Ave da família dos psitacídeos, de coloração verde, alto da cabeça e nuca alaranjados, garganta amarela, flancos e coxas verdes, coberteiras inferiores da cauda amarelas, e abdome branco. Sinônimos: marianinha, mariquita, maipuré e periquito-d'anta (*Pionites leucogaster* Kuhl.).
- Marupiara** — Palavra tupi que quer dizer "sorte". Pessoa feliz no amor, na caça e na pesca.
- Matapi** — Covo alongado feito de jacitara (palmeira), e cuja abertura voltada para dentro, em forma

- de funil, oferece entrada ao peixe, que fica pelas arestas das telas, impedido de sair.
- Maxká Pinó** — Cobra não-venenosa, de várias cores, que tem a **puçanga** mais violenta de todas, chegando a atrair até pessoas adultas.
- Mergulhão** — Ave que mergulha muito bem e se alimenta de peixe. Parece com um ganso ou um pato (*Aechmophorus podilymbus* e *podiceps*).
- Moquém** — Grelha de varas para assar ou secar a carne ou o peixe.
- Mucura** — O mesmo que gambá.
- Muçurana** — Cobra não-venenosa que ataca e devora as venenosas. Também conhecida como **limpa-pasto, limpa-campo** e **limpa-mato** (*Pseudoboa cloelia* Dandin).
- Mutuca** — Inseto díptero que ataca muito o gado, os cavalos e também o homem. Sinônimos: **motuca** e **botuca**.
- Mutum** — Ave que vive na mata, parecida com o peru e de carne muito procurada pelo sabor (*Cra-cídeos*).
- Paneiro** — Espécie de cesto.
- Paxiúba** — Palmeira de 10 a 15 metros de altura, de madeira escura e fibrosa. Sinônimo: **castiçal** (*Iriarteia exorriza*).
- Piraíba** — Peixe da família dos pimelodídeos, o maior peixe de couro do Brasil, chegando a medir 3 metros e a pesar acima de 150 quilos. A lenda é a de que a piraíba engole crianças e ataca pessoas adultas (*Brachyplatistoma filamentosum* Lich.)

- Pirarara — Peixe de couro, de corpo grosso e que chega a atingir metro e meio de comprimento. Temido por crianças e adultos. Sinônimos: **uarara**, **cajaro** e **laitu** (*Phractocephalus hemiliopteros* Schn.).
- Pohó — Ave da família dos columbiformes, espécie de pomba-rola, de plumagem branca e bico vermelho.
- Puçanga — Feitiço.
- Pupunha — Fruto da pupunheira, amarelo, de polpa fibrosa e sabor agradável, e que se come cozido em água (*Guilielma speciosa*).
- Pussicá — Pássaro pequeno de cujo canto vem o nome — **pussíria**, **pussíria**. Em língua geral, **pitiro**.
- Quati — Mamífero carnívoro, em geral cinzento-amarelado, de focinho e pés pretos, e cauda com sete a oito anéis (*Nasua narica*).
- Quartzo cilíndrico — Talismã. Sinal distintivo de chefes indígenas.
- Saci — Uma das mais populares entidades fantásticas dos indígenas brasileiros e países vizinhos. Sinônimos: **saci-cererê**, **saci-pererê** e **matimpererê**.
- Sapopema — Grande raiz tubular que cerca a base do tronco de muitas árvores da floresta pluvial.
- Sarapó — Peixe de água doce, de corpo alongado, comparável a uma faca de ponta (*Gimnotídeos*).
- Sorva — Fruto comestível da sorveira, árvore da família das apocináceas (*Couma guianensis*).

- Tamacuaré — Lagarto cujo comprimento varia de 25 a 30cm. Cor verde-branco, crista dorsal pequena e dentada. Também tamacoaré, taquaré, tamaquaré, tacuaré (*Enyalius*).
- Timbó — Designação comum a plantas, basicamente leguminosas e sapindáceas, que induzem efeitos narcóticos em peixes e, por isso, são usadas para pescar (*Magonia pubescens*).
- Tinguijar — Pescar envenenando a água de um rio ou de uma lagoa com tingui (timbó).
- Tipiti — Instrumento de palha, de forma cilíndrica, usado para espremer a mandioca ralada na fabricação de farinha.
- Tracajá — Espécie de tartaruga muito procurada pelo sabor da carne e dos ovos (*Podocnemis unifilis* Trosh.).
- Traíra — Peixe da família dos caracídeos, de coloração quase preta, flancos pardo-escuros, abdome branco, manchas escuras irregulares pelo corpo. Dentes cortantes, carnívoro. Chega a atingir 40cm de comprimento. Sinônimos: **dorme-dorme, maturaquê, robafo, rubafo** (*Hoplias malabaricus* Bloch).
- Tucunaré — Peixe da família dos cilídeos muito procurado pelo sabor da carne (*Cichla ocellaris* e *Cichla temensis*).
- Tuiuca — Barro preto com que se faz camuti (panela de barro).
- Turi — Madeira ignígera, um tanto resinosa, com a qual os indígenas fazem seus fachos e tochas (*Licania* sp).

- Uacu — Árvore da família das leguminosas, de grande porte, cuja semente, de cerca de 3,5cm de diâmetro, fornece um óleo comestível, e pode ser comida assada ou cozida (*Monopterix uacu*).
- Ucuqui — Grande árvore de sapopemas muito altas, enormes, ramificadas acima do chão. As sementes podem ser comidas assadas ou cozidas (*Nictagináceas*).
- Umiri — Arbusto ou árvore, cuja casca cortada cede um bálsamo aromático e cuja madeira é aproveitada na construção. Frutos de cor preta, resinosos e comestíveis (*Humíria balsamifera* Aubl.).
- Urucu — Fruto do urucuzeiro, vermelho, usado como tinta e tempero de comida. Também Urucum (*Bixa orellana*).

Bibliografia Tukano

Bates, Henry Walter

1979 — **Um naturalista no rio Amazonas.** São Paulo, Universidade de São Paulo.

Biocca, Ettore

1947 — **Contribuição para o estudo antropométrico dos índios Tukano, Tariana, Makú, da região do Alto Rio Negro (Amazonas),** São Paulo.

Bruzzi Alves da Silva, Padre Alcionílio

1962 — **A Civilização Indígena do Uaupés.** Centro de Pesquisas de Iauareté. Missão Salesiana do Rio Negro, Amazonas. São Paulo.

Coelho, Vera Penteadado

1976 — **Os alucinógenos e o mundo simbólico; o uso dos alucinógenos entre os índios da América do Sul,** por Vera Penteadado Coelho. São Paulo, EPU.

Galvão, Eduardo

1848 — **"Aculturação Indígena no rio Negro"**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi n.º 7, Belém.

Giacone, Antonio

1949 — **Os tucanos e outras tribos do rio Uaupés, afluente do Negro-Amazonas.** São Paulo, Assoc. Bras. dos Americanistas.

Goldman, Irving

1948 – “Tribes of the Uaupés – Caquetá Region”. Handbook of South American Indians, III 763/98. Smithsonian Institution, Washington.

1963 – **The Cubeo. Indians of the Northwest Amazon.** The Illinois University Press, Urbana, USA.

Kumu, Umúsin Panlõn, e Kenhíri, Tolamã

1980 – **Antes o mundo não existia.** Introdução de Berta G. Ribeiro. Livraria Cultura Editora. São Paulo.

Meggens, Betty J.

1977 – **Amazônia, a ilusão de um paraíso.** Ed. Civilização Brasileira – Rio de Janeiro, RJ.

Nimuendaju, Curt

1950 – “Reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés. Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios do Amazonas e Acre, 1927”. **Journal de la Société des Américanistes de Paris**, Paris, N. S. XXXIX: 125/282.

Reichel-Dolmatoff, G.

1968 – **Desana. Simbolismo de los índios Tukano del Uaupés.** Bogotá, Universidad de los Andes.

Schaden, Egon

1959 – **A mitologia heróica das tribos indígenas do Brasil.** Ensaio etno-sociológico. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura.

A. História da Literatura Brasileira

Um dia, um caçador saiu para caçar e encontrou um animal morto em uma mata. Depois, com muita tristeza, levou-o para casa de seu pai.

- O caçador - falou.

O pai dele não se pôde alegrar com ele.

- Pode andar.

O caçador, que não sabia o que é que estava fazendo ali, ficou muito triste. Alguns dos Netanos que tinha caçado, a respeito, começaram a rir dele e disseram que ele estava fazendo uma coisa muito errada. Então, ele voltou para casa e contou tudo para seu pai.

- Pobre dos meus netanos!

E não poder fazer o que se queria em cima do caçador e de seus filhos, isso era uma coisa muito triste. Mas, depois disso, os Netanos continuaram a fazer o mesmo.

Um dia, um Netano saiu para caçar e encontrou um animal morto em uma mata. Depois, com muita tristeza, levou-o para casa de seu pai.

Um dia, um Netano saiu para caçar e encontrou um animal morto em uma mata. Depois, com muita tristeza, levou-o para casa de seu pai.

Miscelânea

1963 -- The Cubeo Indians of the Northwest Amazon. The Illinois University Press, Urbana, USA.

Diery, Umberto Penão, e Kenia, Tereza

1985 -- Antigo mundo não mais. Introdução de Boris G. Ribeiro. Livraria Cultural Editora, São Paulo.

Maggió, Betty J.

1977 -- Amazônia, a história de um parafuso. Ed. Companhia Editora Nacional - São Paulo, RJ.

Mirouandajó, Curt

1957 -- Reconhecimento dos rios Isana, Ayari e Uaupés. Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios da Amazônia e Acre, 1957. Anual da Sociedade de Antropologistas de Paris, Paris, P. S., XXV, 1-175/18.

Ortiz de Larrazolo, G. von

1968 -- Deana. Sankarimó de los indios Tukano del Napo. Boletín Universidad de los Andes.

Schaden, Egon

1963 -- A antropologia brasileira nos anos 1950-1960. In: Anais do 1º Encontro Nacional de Antropologia, Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura.

100 KIXTI (ESTÓRIAS) TUKANO

Este livro pioneiro, gênero literatura infantil, vem à luz por livre opção de um grupo de anciãos e jovens estudantes Tukano, que decidiram colocar no papel a beleza simples e comovente de suas fábulas. Isto é, decidiram abandonar a tradicional posição de informantes e assumir a de autores de suas próprias estórias.

É também resultado do esforço, tenacidade e amor do padre Eduardo Lagório, este homem que, há quase meio século, deixou os vales do Piemonte pela floresta amazônica, aprendeu a língua tukano e integrou-se perfeitamente ao meio e à sua gente. Empenhado ao longo dos anos no resgate da memória tukano, foi ele o idealizador e principal animador do projeto desta coletânea.

Este conjunto de fábulas não pretende traduzir toda a criatividade tukano no terreno dos contos infantis. Longe disso. Mas dá bem uma idéia da "imagem" que os índios têm dos animais que os cercam, do grau de "humanização" e "identificação" que lhes conferem, do amor que lhes dedicam e de que é prova o incontável número de *xerimbabos* — animais de estimação que vivem, como "gente de casa", em suas aldeias e malocas.

Embora contadas e escritas por índios Tukano, estas fábulas e estórias têm um fundo comum a outros povos — determinadas concepções da vida, determinado tipo de humor, incidentes e acontecimentos que formam a trama de cada relato. Na verdade, elas constituem uma parte do patrimônio universal.

A FUNAI não apenas participa da publicação de *100 Kixti (estórias) Tukano*, como se congratula com os Tukano e o padre Eduardo Lagório pelo trabalho realizado.

*Octavio Ferreira Lima **

* Presidente da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).



b: b BANCO
DO NORDESTE
DO BRASIL - A ORDEM
E PROMOVER
O PROGRESSO

100 KIXTI (ESTÓRIAS) TUKANO